

**CURSO DE PSICOLOGIA**

Cíntia Maria Rech Eisenberger

**O SER HUMANO POR TRÁS DA FARDA: ANÁLISE DO PRAZER E  
SOFRIMENTO NO TRABALHO DE POLICIAIS DA BRIGADA MILITAR DE UM  
MUNICÍPIO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO**

Santa Cruz do Sul  
2017

Cíntia Maria Rech Eisenberger

**O SER HUMANO POR TRÁS DA FARDA: ANÁLISE DO PRAZER E  
SOFRIMENTO NO TRABALHO DE POLICIAIS DA BRIGADA MILITAR DE UM  
MUNICÍPIO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de  
Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul  
para título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Karine Vanessa Perez

Santa Cruz do Sul

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço especialmente ao amor da minha vida, o meu marido amado, que durante toda a minha trajetória acadêmica me deu todo o apoio, suporte, carinho, amor e afeto, incentivando-me a continuar na busca pela realização do meu grande sonho. Meu amor, essa vitória também é sua!

Agradeço ao meu presente de Deus, a minha filha amada, que mesmo tão noivinha conseguiu compreender as minhas ausências. Abdicar do meu tempo contigo, minha princesa, certamente foram os momentos mais dolorosos nesta trajetória de aprendizado. Mas saibas que era no teu olhar e neste teu sorriso lindo e iluminado que eu conseguia me fortalecer.

À minha mãe amada, por todo apoio e amor incondicional e, sobretudo, por cuidar da minha doce Dudinha nos momentos em que eu precisei me ausentar por conta dos estudos. Sem este teu suporte, minha querida mãe, eu jamais teria chegado até aqui.

Ao meu pai, que me ensinou, por meio de seus exemplos, a importância de ser ética, honesta, responsável e otimista.

Aos meus irmãos queridos, Silvio e Luciano, que mesmo distantes demonstravam amor e afeto para comigo.

As minhas irmãzinhas de coração, Juliana e Dani, pelos encontros afetuosos que acalmavam o meu coração.

A minha querida orientadora de TC, professora Karine Vanessa Perez, por todo empenho e suporte dedicado à elaboração deste projeto. Tu és a minha inspiração profissional!

Ao meu presente da Psicologia, minha grande amiga Patrícia Salvi, por todas as trocas de conhecimentos e, sobretudo, pela escuta e acolhida nos momentos de ansiedade.

À minha querida supervisora de campo de estágio, Isabel Vargas Wictzak, por todas as orientações, aprendizados e trocas.

A todos os meus professores de psicologia, meus mestres, pela partilha de conhecimentos e pelos ensinamentos desta profissão tão linda e humana.

Enfim, agradeço a todos aqueles que dê um certo modo torceram e contribuíram pela realização deste lindo sonho.

## RESUMO

O ambiente laboral interfere nos processos de saúde e adoecimento dos trabalhadores, impactando na qualidade de vida das pessoas. Isto pode ser mais impactante em instituições policiais devido ao contexto laboral, que é caracterizado pela hierarquia rígida e situações cotidianas de risco de vida e violência. Esta pesquisa, realizada de acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicodinâmica do Trabalho, tem como objetivo de analisar a relação entre a organização do trabalho dos policiais da Brigada Militar de um Município do Vale do Rio Pardo e o processo de saúde/adoecimento. O método de pesquisa utilizado foi uma adaptação da Psicodinâmica do Trabalho que se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com oito policiais militares de modo individual. Buscou-se identificar de que modo a organização do Trabalho impacta na saúde do policial da Brigada Militar, analisar o prazer e sofrimento presente no contexto laboral e investigar a existência de estratégias defensivas utilizadas pelos policiais no ambiente de trabalho. Foi identificada a utilização de estratégias defensivas, como por exemplo: a insensibilidade diante da violência, a dificuldade de percepção de risco da profissão, entre outros, que impossibilitam a expressão e reconhecimento do sofrimento, favorecendo a alienação e o desenvolvimento de patologias. Além disto, observou-se, também, a falta de reconhecimento e valorização profissional e, sobretudo, a falta de um espaço de escuta e verbalização coletiva, em que os trabalhadores poderiam expressar os seus sofrimentos na ordem singular, mas com a ideia de buscar soluções com o grupo. Para que ocorra transformações neste contexto laboral, é necessário repensar a viabilidade de estratégias e ações que vislumbrem a prevenção e promoção da saúde mental dos policiais. Por meio destas ações, será possível (re)construir, juntamente com os trabalhadores desta instituição, possíveis melhorias geradoras de prazer e saúde.

**Palavras-chaves:** Trabalho Policial. Saúde Mental e Trabalho. Psicodinâmica do Trabalho. Prazer e Sofrimento.

## ABSTRACT

Every labor environment interferes in illness and health processes of workers, therefore impacting people's quality of life. Such impact can be harder when it comes to law enforcement institutions due to their labor context, which is characterized by its strict hierarchy and day-to-day life-hazard situations as well as violence. The research in question was conducted according to the theoretical assumptions of Labor Psychodynamics, and aims at analyzing the relation between the Military Police officers' labor organization of a city in the Vale do Rio Pardo and the health/illness process. The chosen research methodology is an adaptation from Labor Psychodynamics by means of semi structured interviews carried out with eight Military Police officers, one at a time. Here, the goal was **a)** to identify the ways by which the organization of Labor affects the health of Military Police officers, **b)** to analyze both the pleasure and the suffering present in their labor context and **c)** to investigate the presence of defense strategies to which police officers resort in their work environment. The use of defense strategies has been identified, such as insensitivity towards violence and difficulty to perceive occupational hazards, among others, which render impossible both expressing and acknowledging suffering, which makes way for alienation and the development of pathologies. One has also identified the lack of recognition and professional appreciation and, above all, the absence of a space for collective listening and verbalization in which such officers could express their suffering individually but with group solutions in mind. In order for change to take place in such labor context, one needs to rethink the feasibility of strategies and actions that would work toward preventing as well as promoting police officers' mental health. Through such actions and strategies, it will be possible to (re)construct (together with those who work in that institution) viable improvements which generate pleasure and health.

**Key terms:** Police work. Mental health and labor. Labor psychodynamics. Pleasure and suffering.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>9</b>
2.1	O trabalho e a saúde do trabalhador na contemporaneidade .....	9
2.2	O trabalho na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho.....	11
2.2.1	Estratégias defensivas.....	13
2.3	O contexto laboral da Brigada Militar .....	14
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>17</b>
3.1	A metodologia da psicodinâmica do trabalho .....	17
3.2	A Pré-Pesquisa .....	18
3.2.1	Definição dos Entrevistados .....	19
3.3	A pesquisa Propriamente Dita .....	19
3.3.1	As Entrevistas .....	20
3.3.2	Caracterização dos Policiais Participantes.....	21
3.3.3	Observação Clínica .....	22
3.4	Validação da Pesquisa.....	23
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>25</b>
4.1	Caracterização dos entrevistados .....	26
4.2	Eixo I - Organização do trabalho do Policial da Brigada Militar .....	27
4.2.1	Hierarquia e Militarismo.....	28
4.2.2	Jornada de Trabalho .....	31
4.2.3	Profissão de Risco .....	34
4.3	Eixo II – Prazer e Sofrimento no Trabalho.....	37
4.3.1	Espaço para sofrimento? .....	41
4.4	Eixo III - Estratégias .....	44
4.4.1	Insensibilidade .....	44
4.4.2	Embrutecimento .....	46
4.4.3	Alienação .....	48
4.4.4	“Superpoderes” .....	49
4.5	Eixo V - Um espaço de reflexão sobre o trabalho policial .....	50
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
	<b>APÊNDICE A - Carta de Aceite .....</b>	<b>59</b>
	<b>APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista .....</b>	<b>60</b>
	<b>APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	
	<b>- TCLE.....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a saúde mental dos policiais militares de um Município do Vale do Rio Pardo, mas especificamente, sobre as vivências laborais de prazer e sofrimentos destes trabalhadores. O objetivo principal é produzir informações acerca das relações na organização do trabalho e seus possíveis processos de saúde e adoecimento, com intuito de vislumbrar ações e estratégias voltadas à saúde do trabalhador.

O campo de pesquisa foi constituído no contexto laboral da Brigada Militar, tendo como constituintes da análise entrevistas com oito servidores atuantes nas funções de soldado e sargento. Neste sentido, a análise centraliza-se nas relações laborais dos policiais que constituem a base hierárquica da instituição policial.

A escolha do tema é proveniente da trajetória acadêmica da autora que desenvolveu suas atividades de estágio na Brigada Militar durante o curso de Psicologia. Tal percurso despertou o interesse em realizar uma pesquisa relacionada a análise dos processos de saúde/adoecimento dos policiais militares, ou seja, entender como acontecem as relações entre trabalhadores e organização do trabalho e, sobretudo, as consequências desta relação na vida do trabalhador.

Nesta trajetória profissional, especialmente, nos processos de atendimentos psicológicos de alguns policiais, foi possível perceber a existência de sofrimentos psíquicos resultantes da prática laboral e, também, as resistências em se permitirem expressar suas fragilidades, medos e sofrimentos. Além disto, este tema é de grande relevância uma vez que se propõem analisar a saúde mental daqueles que são responsáveis em promover e garantir à segurança pública da sociedade.

Contemporaneamente, a violência está cada vez mais presente e real no cotidiano social da população brasileira. Por conta disto, todos os assuntos pertinentes à segurança pública ganham destaque nas mídias sociais, em especial, o papel desempenhado pelo policial militar. Com o aumento desta visibilidade, também, há a intensificação do nível de exigência e pressão, tanto social como institucional, para a realização do trabalho que visa garantir à segurança e o bem-estar da sociedade.

Além disto, é importante ressaltar que esta profissão é altamente suscetível a doenças físicas e psíquicas, inerentes ao alto risco de periculosidade proveniente do contexto laboral e, sobretudo, pelo trabalho exercido dentro de uma estrutura

militarista e de hierarquia verticalizada. Todos estes fatores contribuem para o aumento do sofrimento psíquico dos trabalhadores, que pode, conseqüentemente, ocasionar quadros de adoecimento físico e psicológico, desdobrando-se em inúmeros transtornos, como: depressão, ansiedade, problemas com álcool, entre outros.

Corroborando com isso, a Constituição da República Federativa do (BRASIL, 1988) em seu Capítulo III, Art. 144, cita os riscos e os deveres dos policiais. “O dever, apresentado aos agentes da área, implica a exposição direta a riscos pessoais e exige destes um conjunto de capacidades e habilidades a serem constantemente aplicadas em sua prática profissional”. Tal exigência faz com que os policiais utilizem estratégias defensivas para conseguirem resistir e enfrentar o seu cotidiano laboral adverso e violento.

No entanto, a forma como essas estratégias são constituídas, demonstra se há um espaço, na instituição policial, que possibilite a expressão do sofrimento, a existência do reconhecimento e desenvolvimento, promovendo assim, a saúde dos trabalhadores. Contrariamente, ou seja, quando não há estas possibilidades, favorece o desenvolvimento de patologias (DEJOURS, 1992).

Neste sentido, a Psicodinâmica do Trabalho visa analisar a dinâmica dos processos psíquicos resultantes do confronto do sujeito para com a organização do trabalho, constituída pelas estratégias defensivas. Esta análise é realizada por meio de um espaço coletivo, que possibilite a escuta e a verbalização dos trabalhadores sobre os processos laborais (AMADOR et al., 2002).

Por isso, no contexto da presente pesquisa, pretende-se analisar a relação entre a organização do trabalho dos policiais da Brigada Militar e o processo de saúde/adoecimento, além de identificar de que modo este modelo de organização impacta na saúde do policial. Busca-se, também, analisar o prazer e sofrimento presente no contexto laboral, bem como investigar a existência de estratégias defensivas utilizadas pelos policiais no ambiente de trabalho.

Partindo destes pressupostos, a presente pesquisa foi desenvolvida conforme o modelo de abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, que tem como principal objetivo a análise clínica dos processos de saúde e adoecimento dos trabalhadores, oriundos de toda a dinâmica da organização do trabalho e suas relações. Para que seja possível discutir e produzir conhecimentos acerca desta relação, organizou-se este trabalho em cinco capítulos.



Este primeiro capítulo apresenta a introdução onde contextualiza-se brevemente o tema de pesquisa. No capítulo dois é apresentado o referencial bibliográfico com os principais conceitos e autores relacionados aos processos de saúde e adoecimentos dos trabalhadores. Já no capítulo três é apresentado o método de pesquisa utilizado. O capítulo quatro apresenta a análise e discussão dos dados coletados. E por último, o capítulo cinco apresenta as considerações finais.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo apresenta as reflexões e conceitos teóricos norteadores deste trabalho. Para isso, procurou-se identificar autores relacionados ao tema saúde do trabalhador, cujos conceitos foram utilizados como base para a realização das análises e discussões dos resultados da presente pesquisa. Neste sentido, são abordadas as seguintes temáticas: *O trabalho e a saúde do trabalhador na contemporaneidade*; *O trabalho na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho*; *Estratégias defensivas* e; *O contexto laboral da Brigada Militar*.

### 2.1 O trabalho e a saúde do trabalhador na contemporaneidade

Na contemporaneidade o trabalho se configura em todas as dimensões da vida do sujeito, desempenhando, deste modo, um papel relevante na constituição de sua subjetividade, pois, é por meio dele que o homem organiza e estrutura sua vida e o seu tempo, se relaciona com redes e contatos do meio e, sobretudo, cria a sua identidade. Nesta lógica, as vivências laborais corroboram tanto com aspectos que promovam à saúde física e mental como com aspectos geradores de adoecimento (ANCHIETA et al., 2011).

Entretanto, vivemos em uma época onde as relações laborais sofrem todas as formas de precarizações, decorrentes de um novo contexto mundial, de globalização, que visa somente o lucro. Podemos citar como exemplo as subcontratações e terceirizações, alto índice de desemprego, baixa remuneração, desvalorização do trabalhador, modelos verticais de gestão, competitividade acirrada, entre outros. Tal realidade deve-se às inúmeras modificações que o trabalho vem sofrendo, especialmente, nas últimas décadas, tornando a instabilidade cada vez mais presente na vida do trabalhador que sofre com as pressões e inseguranças do mundo laboral (MACHADO; TRAESEL; MERLO, 2015).

Neste novo cenário, é evidente que o trabalhador passa a possuir mais deveres do que direitos, necessitando, cada vez mais, envolver-se e doar-se às atividades laborais, isso para conseguir manter-se no emprego. Estas modificações, certamente, impactam na subjetividade e até mesmo na saúde do trabalhador, que se encontra envolvido pela insegurança devido ao medo do desemprego (MACHADO; TRAESEL; MERLO, 2015).

Em muitos cenários laborais o sentimento de medo faz parte do cotidiano dos trabalhadores. Todavia, por conta das estratégias defensivas elaboradas pelos trabalhadores de forma inconsciente, estes sentimentos muitas vezes são impercebíveis. Conforme Dejours (1992), as estratégias são os mecanismos que os trabalhadores encontram, na busca para minimizar ou transformar a percepção do sofrimento.

Neste sentido, essas estratégias acabam sendo o modo encontrado pelos trabalhadores, para se manterem em seus empregos, especialmente àqueles alocados em ambientes estressantes, ansiogênicos e violentos. Já, para as instituições, estas estratégias defensivas podem contribuir para aumentar a produtividade do trabalho, tornando o sujeito alienado a sua prática profissional. Assim, o sofrimento mascarado constitui uma sintomatologia (DEJOURS, 1992).

Deste modo, cada vez mais o trabalhador se distancia de seus desejos, reconhecimentos e realizações profissionais, imperando um discurso totalitário que impossibilita o erro. Tais situações ocorrem por conta de uma gestão obsessiva no lucro, que traz como consequência o agravamento dos riscos de adoecimento e sofrimento do trabalhador. Assim, é importante pensar o trabalho neste novo contexto de incertezas e de precarização dos direitos sociais e, sobretudo, buscar entender os efeitos e impactos na saúde e subjetividade do trabalhador (MACHADO; TRAESEL; MERLO, 2015).

Neste sentido, Dejours (1992) sinaliza que a falta de motivação, desejo e de investimento afetivo para com o trabalho, faz com que o homem necessite de esforços e de vontade para a realização da labuta. Em consequência, surge a sensação de incapacidade intelectual e profissional, condicionando ao comportamento produtivo e laboral.

Quando se trata do trabalho do policial, especialmente, da Brigada Militar, estes impactos se tornam ainda mais presentes na vida dos trabalhadores, pois a profissão de policial possui inúmeras características que podem contribuir, ainda mais, para o sofrimento e adoecimento, tal como a dedicação integral a profissão, que faz com que o trabalhador esteja constantemente “atuando” como policial, até mesmo em sua vivência fora do contexto laboral. Além disso, essa prática profissional é de alto risco por conta da periculosidade da profissão e enfrentamento cotidiano à violência (CASTRO; CRUZ, 2015).

Diante disso, o ambiente laboral, dentro da instituição (quarteis), também não será diferente, pois a gestão dos policiais está fundamentada em um regime focado na militarização que privilegia as vivências rígidas, hierarquia, disciplina e o cumprimento às regras e normas inflexíveis. Conforme Dejours (1992), quanto mais rígida for a organização do trabalho, menor será o conteúdo significativo para o trabalhador, que desconhece a própria significação de seu trabalho em relação ao conjunto de atividade da instituição, e menor, também, será a possibilidade de mudanças laborais, conseqüentemente, o sofrimento tende a aumentar. O autor acrescenta, ainda, que as más condições de trabalho são menos temíveis do que uma organização rígida e imutável. Neste regime, é necessário seguir rigorosamente as instruções quanto ao seu desempenho e conduta, pois é negado o aparecimento de um ser pensante e desejante.

## **2.2 O trabalho na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho**

Nos primórdios dos estudos em saúde mental e trabalho, a preocupação estava centrada somente na identificação das doenças mentais ocasionadas pelo processo laboral. Todavia, conforme os novos estudos, a Psicodinâmica do Trabalho, fundada e desenvolvida pelo médico e psicanalista Christophe Dejours, o foco ampliou-se para toda a dinâmica de processo de trabalho, identificando não somente o sofrimento decorrente da atividade laboral, mas também todas as formas geradoras de prazer e suas possíveis transformações. Neste sentido, rompe-se com os modelos clássicos médico e psiquiátrico com o foco na doença, ampliando para possíveis possibilidades de transformações (AMADOR et al., 2002).

Desta maneira, a clínica do trabalho passa a investigar aspectos simbólicos que, por vezes, são invisíveis, buscando compreender os processos das relações subjetivas do trabalhador com suas atividades, os sofrimentos e adoecimento ocasionados por este processo. Mas, também, os seus efeitos quanto a saúde e prazer, isso por meio da análise das vivências e sentimentos do próprio trabalhador referente tanto ao trabalho prescrito como ao real (MACHADO; TRAESEL; MERLO, 2015).

Esta nova metodologia de trabalho permite identificar não somente o sofrimento e adoecimento do trabalhador ocasionados pelo modelo organizacional. Mas, também, a possibilidade de desvelar aspectos do trabalho que possam

contribuir para a satisfação, o prazer, o reconhecimento e o desenvolvimento do trabalhador. Estas duas formas de trabalho, tanto a desvalorização como o reconhecimento, impactam e influenciam todos os aspectos da vida do profissional, como: a sua subjetividade, a saúde e a qualidade de vida (MACHADO; TRAESEL; MERLO, 2015).

Isto, porque o sujeito carrega consigo os papéis que desempenha em sociedade. Assim como também carrega para suas relações pessoais as suas vivências laborais. Diante disto, é fundamental que a organização possibilite compreender os trabalhadores como sujeitos integrados em sua totalidade, ou seja, é necessário considerar os aspectos de constituição de cada indivíduo. (MACHADO; TRAESEL; MERLO, 2015).

Nesta perspectiva, da Psicodinâmica do Trabalho, é possível desvelar os comportamentos dos trabalhadores que, por vezes, aparecem de forma velada e incompreendida por eles próprios, por conta dos efeitos estratégicos defensivos utilizados para amenizar o sofrimento decorrente do trabalho. Por sua vez, estas estratégias podem contribuir para impossibilitar a resolução e a mudança quanto ao sofrimento. A ideia, conforme essa abordagem, é a de possibilitar, ao trabalhador, um momento para pensar sobre a sua relação para com o trabalho e as possíveis consequências para sua vida, ou seja, é possibilitar a reflexão na dialética ator-sujeito (AMADOR et al., 2002).

A palavra, é o principal instrumento utilizado nesta abordagem, que poderá ser expressada por meio de um espaço coletivo, possibilitando a escuta e a verbalização dos trabalhadores sobre os processos laborais. Assim, a investigação clínica consiste em observar os comentários ditos, as falhas e também os não ditos, ou seja, observar toda a dinâmica relacional do trabalhador e organização, sempre considerando o sofrimento *versus* defesa (AMADOR et al., 2002).

A Psicodinâmica do Trabalho tem caráter de pesquisa-ação, uma vez que visa possibilitar, aos trabalhadores, a elaboração da vivência do sofrimento que é proveniente do processo laboral. Tal efetivação ocorre quando os próprios sujeitos conseguem perceber, desvendar e entender o sofrimento e suas causas na organização do trabalho. Diante deste “dar se conta”, poderão, conjuntamente, elaborar o sofrimento e transformá-lo em fontes geradoras de prazer e melhores condições laborais. (AMADOR et al., 2002). Para Dejours (1994, p. 19), os desafios propostos por esta dinâmica consistem em:

[...] superar a atual distância existente entre organização prescrita e organização real do trabalho, levando em conta todos os perigos que tal distância atualmente representa – para a saúde, para a segurança e para a qualidade do que é produzido.

Neste sentido, a ideia é que na conclusão deste trabalho de pesquisa, seguindo o modelo da Psicodinâmica do Trabalho, os trabalhadores consigam enxergar e perceber que o caminho que produz um trabalho saudável, é o mesmo que respeita e considera as condições humanas em sua prescrição. Respeitando isso, será notável a criatividade, o compromisso ético e respeitoso para com o trabalho (DEJOURS 1994).

### **2.2.1 Estratégias defensivas**

Esta parte do trabalho discorre sobre as estratégias defensivas elaboradas pelos trabalhadores para enfrentamento de situações conflituosas e estressoras, uma vez que a profissão de policial militar é caracterizada por vivenciar, cotidianamente, situações de alto risco, violência, pressões do trabalho e da sociedade e uma gestão em modelo de militarização. Além disso, estes profissionais não possuem uma rotina pré-estabelecida de carga horária de trabalho, necessitando cumprir as escalas horárias determinadas pelo comando da Brigada Militar, por vezes, até 12 horas corridas (MACHADO; TRAESEL; MERLO, 2015).

Neste sentido, os policiais elaboram estratégias defensivas para dar continuidade ao trabalho, caso contrário, seriam incapacitados em realizar essas tarefas, devido a seu modelo de gestão militarizante e, também, a uma série de características funcionais vistas como um tanto perigosas, que podem ocasionar sofrimentos, desgastes físicos e emocionais nesta classe laboral. Dejours (1992) explica que a função deste mecanismo é o de mascarar e ocultar uma ansiedade ou mesmo os riscos que o trabalho pode gerar à saúde física e mental, mantendo assim, os sujeitos em estado de “normalidade”.

Todavia, não podemos deixar de destacar que na profissão de policial há o risco eminente de vida, emergindo, por vezes, o sentimento de medo real em atuar na função, diferentemente de muitas outras profissões. Para conseguir enfrentá-los, os policiais elaboram estratégias de defesas com alto investimento de energia (DEJOURS, 1992).

Quanto mais energia investida, mais alienados os trabalhadores estarão. Prova disso é que, nestes discursos, comumente, não aparece nenhum vestígio de sentimento de medo, que faz parte da profissão, desconhecendo assim a sua própria realidade laboral. Todavia, o processo saudável seria o de utilizar os mecanismos de defesas para diminuir o sentimento de ansiedade diante das manifestações perigosas, e não simplesmente desconsiderar aquilo que o causa ansiedade e medo (DEJOURS, 1992).

Para Dejours (1992), os trabalhadores podem demonstrar tanto sinais diretos como indiretos de medo. Os diretos compreendem os sintomas, como: a ansiedade, insônia e, sobretudo, o uso indiscriminado dos medicamentos psicotrópicos. Já, os sinais indiretos, são aqueles que o trabalhador demonstra em seu discurso ou em seu comportamento como o desprezo e a inconsciência em relação ao risco eminente, aparecendo de uma forma muito mascarada.

Além das estratégias individuais, ainda existem as estratégias coletivas na qual os trabalhadores partilham das mesmas defesas, necessitando encontrar a confirmação dos demais colegas, quanto as regras implícitas deverão ser seguidas pelo grupo, impedindo o surgimento de sentimentos de medo, bem como de suas demonstrações. Dejours (1992), afirma que estas ideologias defensivas tem um valor funcional quanto à produtividade, pois é por meio delas que os trabalhadores conseguem realizar suas tarefas, mesmo em situações de risco de vida.

Todavia, para Dejours (1992), este processo impedirá que os trabalhadores tenham a tomada de consciência quanto aos impactos do trabalho em sua vida, impossibilitando assim, novas formas de realização das atividades, que fomentem aspectos voltados à qualidade de vida, saúde e segurança do trabalhador. Nesta lógica, as estratégias defensivas assim como podem amenizar o sofrimento, também, da mesma forma, podem tornar o sujeito alienado quanto a sua percepção aos processos que envolvam o seu trabalho.

### **2.3 O contexto laboral da Brigada Militar**

Nos últimos anos a saúde do policial vem ganhando destaque em nossa sociedade, atribuída a diversos motivos, como: a periculosidade da função devido ao contexto laboral de alto risco, ao aumento da violência em nossa sociedade que cada vez mais ganha destaque nas mídias sociais e, também, pelo atual momento

“democrático”, em que as ações dos policiais são discutidas e, por vezes, desaprovadas pela população. Este último, demonstra que além dos policiais responderem a sua classe de trabalho hierárquica da Brigada Militar, ainda assim, são submetidos ao julgamento da sociedade e, por vezes, de conhecimentos leigos, quanto as suas ações (AMADOR et al., 2002).

Conforme, Amador et al. (2002), ao analisar a saúde do trabalhador policial, é fundamental avaliar o sujeito que sofre com os impactos das características inerentes da função, mas, também, de todas as formas decorrentes da gestão focada em um modelo militarizante que pode impactar na saúde e na subjetividade deste trabalhador. Como de conhecimento, um profissional não carrega consigo, no exercício da profissão, somente os seus conhecimentos técnicos, mas carrega, também, as suas vivências no trabalho. Talvez, isso possa nos ajudar a compreender alguns comportamentos exercidos pelos policiais como por exemplo: o abuso de poder, violência policial, transgressões disciplinares, adoecimentos, entre outros, que comumente fazem parte das notícias que circulam em nossa mídia.

É importante que esses casos sejam analisados e interpretados do ponto de vista qualitativo, juntamente com os próprios policiais, e não somente contabilizá-los, como vem sendo feito. Diante deste conhecimento e espaço de reflexão, será possível que esses trabalhadores consigam transformar a sua prática na permanente busca de um trabalho com qualidade e ética (AMADOR et al., 2002).

É pertinente explorar o contexto laboral da Brigada Militar, uma vez que, por ser uma instituição um tanto reservada, a sociedade, por vezes, desconhece suas características que também podem contribuir e impactar na constituição da profissão de policial militar. Conforme o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1998), a hierarquia e a disciplina formam a base institucional da organização do trabalho da Brigada Militar, na qual autoridade e responsabilidade aumenta conforme o grau hierárquico. Como esses dois pontos, entende-se o comportamento um tanto rígido e inflexível dos policiais militares.

Já, quando se fala sobre o valor do policial militar, o estatuto prevê a dedicação ao serviço militar correspondendo todos os objetivos da instituição, mesmo correndo risco de vida. Por isso, o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1998), traz no artigo 24 - IV “O amor à profissão policial-militar e o entusiasmo com que é exercida”. Diante de tal risco, os



trabalhadores elaboram defesas específicas, visando um distanciamento do pensamento ao corpo, de forma a continuar trabalhando mesmo no limite do sofrimento psíquico (DEJOURS, 1992).

Sem dúvida alguma, por tudo apresentado, a profissão policial militar é uma das mais suscetíveis ao sofrimento e adoecimento físico e psíquico e, até mesmo, podendo apresentar uma conduta, por vezes, violenta em suas abordagens policiais, que terão grandes impactos e repercussões em toda a sociedade. Por toda a importância de caráter social desta profissão, é imprescindível que o profissional militar consiga sentir-se motivado e reconhecido pelo que faz, tendo a consciência de seu papel social. Para isso, é necessário que o mesmo tenha um espaço de escuta em seu local de trabalho, no qual poderá verbalizar o seu sofrimento e entender o impacto dele em seu trabalho e na sua vida como um todo. Somente com essa consciência, poderá vislumbrar modificações que promovam a qualidade de vida.

### 3 METODOLOGIA

No presente capítulo é descrita a metodologia desenvolvida para a realização desta pesquisa, que foi baseada no modelo de abordagem da Psicodinâmica do Trabalho (PdT). Todavia, é importante ressaltar que no processo de investigação desta análise, não foi possível aplicar os pressupostos da PdT *strictu sensu*, isso por conta da caracterização do local que impossibilita tal aplicação. Mesmo assim, pode-se afirmar que este estudo engloba a metodologia da Psicodinâmica do Trabalho, uma vez que todo o processo de análise e interpretação dos resultados foram realizados conforme o referencial teórico-metodológico da PdT (DEJOURS, 1992)

Deste modo, são apresentadas as fases desta pesquisa que contemplam: a Pré-Pesquisa, a Pesquisa e a Validação da Pesquisa. A primeira etapa, a Pré-Pesquisa, abrange a motivação quanto a escolha do local, as informações pertinentes sobre o processo de trabalho em torno da proposta de pesquisa, bem como a definição dos participantes, ou seja, dos entrevistados. Já, a segunda parte, a Pesquisa, apresenta a caracterização dos entrevistados, a enunciação do tema, do roteiro, o transcorrer da pesquisa, os jogos de defesas e as percepções quanto aos entrevistados e suas verbalizações. E por último, a fase da Validação da Pesquisa, consta as validações e reflexões dos participantes referente a entrevista realizada (DEJOURS, 1992).

Se faz necessário detalhar, brevemente, a metodologia da Psicodinâmica do Trabalho, norteadora deste trabalho. Juntamente com esta explicação, será realizada a apresentação da pesquisa realizada com os policiais da Brigada Militar de um Município do Vale do Rio Pardo.

#### 3.1 A metodologia da Psicodinâmica do Trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica que tem como principal objetivo a análise clínica dos processos de saúde e adoecimento dos trabalhadores, oriundos de toda a dinâmica da organização do trabalho e suas relações. Esta teoria foi fundada e desenvolvida na França, na década de 1980, pelo médico e psicanalista Christophe Dejours (AMADOR et al., 2002).

Nesta perspectiva, da Psicodinâmica do Trabalho, busca-se compreender as estratégias defensivas, utilizadas pelos trabalhadores para o enfrentamento das adversidades laborais, que poderão estabelecer uma relação mais gratificante para

com o trabalho ou um processo alienante e adoecedor. Em outras palavras, a Psicodinâmica analisa a dinâmica dos processos psíquicos resultantes do confronto do trabalhador com a realidade do trabalho, por meio dos mecanismos defensivos (DEJOURS, 1992).

A ideia desta abordagem é possibilitar um espaço de escuta e verbalização aos trabalhadores, de modo coletivo. O material de investigação clínica será as observações das falas, dos comentários, das falhas e até mesmo daquilo que não é dito sobre o contexto laboral (AMADOR et al., 2002).

### **3.2 A Pré-Pesquisa**

Antes de iniciar uma pesquisa, conforme Dejours (1992), se faz necessário munir-se de inúmeras informações sobre a organização do trabalho e do local em que acontecerá a pesquisa. Estas informações podem ser levantadas por meio de acesso a documentações sobre o processo de trabalho, pesquisa bibliográfica e até mesmo pelo contato com o próprio local de pesquisa. O objetivo disto, de acordo com Dejours (1992, p. 142), “[...] é obter a base concreta necessária para compreender do que falam os trabalhadores que participam da pesquisa, e ter à disposição de uma representação, em imagens, das condições ambientais do sofrimento”.

Assim, a percepção sensorial do pesquisador pode contribuir para análise e entendimento do sofrimento e prazer dos trabalhadores no ambiente de trabalho. Além destes levantamentos, é pertinente também conhecer a organização do trabalho em suas múltiplas facetas, como por exemplo: as relações hierárquicas, as situações conflitantes, as possíveis negociações; enfim, buscar conhecer o trabalho real que vai além do prescrito. E, por último, é importante estabelecer quem são os trabalhadores participantes desta pesquisa (DEJOURS, 1992).

Esta etapa, da Pré-pesquisa, foi desenvolvida por meio das observações no próprio contexto laboral da pesquisa, na Instituição da Brigada Militar de um Município do Vale do Rio Pardo. A pesquisa deu-se início a partir do desejo da autora de investigar e entender o processo de prazer e sofrimento dos policiais militares, uma vez que atua nesta instituição como estagiária do curso de Psicologia. Em seus atendimentos com os trabalhadores da instituição policial, emergem sofrimentos psíquicos resultantes da prática laboral, caracterizada pela vivência de uma rotina conturbada e adversa. Além disto, por meio da experiência no contexto da Brigada

Militar, foi possível observar a relação dos trabalhadores para com o trabalho, captando expressões de sofrimento e, sobretudo, de resistências para “eliminar” o sofrimento.

Já o levantamento documental e bibliográfico se deu por meio de documentos norteadores da prática policial da própria instituição, e de pesquisas em sites e artigos especializados sobre o tema do presente trabalho, desenvolvido no capítulo de Revisão Bibliográfica. O objetivo desta busca foi a de conhecer a realidade do policial e as relações trabalho e saúde entre estes profissionais no âmbito da organização.

### **3.2.1 Definição dos Entrevistados**

A definição dos trabalhadores que participaram das entrevistas se deu por dois critérios pré-definidos. O primeiro deles é estar ativo ao serviço da Brigada Militar em tempo superior ao período probatório, ou seja, no mínimo três anos de instituição. O objetivo deste critério foi o de garantir a fidedignidade dos conteúdos, uma vez que os entrevistados possuem estabilidade profissional, o que significa que já superaram o período probatório em que não se tem nenhuma garantia quanto a estabilidade do cargo. Com isto, o entrevistado se sente mais seguro para falar e refletir sobre a sua prática laboral.

O segundo critério estabelecido para a seleção dos entrevistados foi que o profissional ocupe postos mais baixos na escala hierárquica (soldado e sargento). Esta escolha possibilita a compreensão de uma vivência laboral mais ativa, em situações de violência, e com menor autoridade na escala hierárquica. Desse modo, esses são os profissionais que sentem o maior impacto da estrutura organizacional rígida e de hierarquia verticalizada.

### **3.3 A pesquisa Propriamente Dita**

A pesquisa é o momento em que se levanta as informações juntamente com campo de pesquisa, ou seja, com os entrevistados. Neste trabalho, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas de modo individual e não coletivo com oito servidores públicos. De acordo com Dejours (1992, p. 142), “[...] a pesquisa fundamenta-se num coletivo, e não em indivíduos tomados isoladamente”. Por isso, mesmo sendo realizadas individualmente, as entrevistas tiveram como foco o conteúdo coletivo.

Por conta das limitações da Instituição Policial, que é permeada por uma rigidez hierárquica, houve-se a necessidade em ajustar o processo de investigação para o modo individual. Exatamente por se tratar de um sistema rígido, acredita-se que as entrevistas de ordem coletiva, nesta instituição, não surtiriam os mesmos efeitos das entrevistas individuais. Tal justificativa, está associada ao medo e ressentimentos em que os entrevistados poderiam apresentar em expor suas fraquezas, fragilidades e sofrimentos diante aos demais colegas, ocultando e reprimindo sentimentos e informações.

Para dar-se início a esta etapa, a entrevista, é necessário o pesquisador se apresentar, explicando sua formação, de onde vem e, sobretudo, o tema e os objetivos da pesquisa (DEJOURS, 1992). Diante disto, o entrevistado se sentirá mais seguro para verbalizar sobre a sua relação para com a organização do trabalho. Nesta etapa, seguiu-se estes pressupostos, propiciando um espaço em que os trabalhadores pudessem se sentir bem e conscientes do que estava se propondo.

No processo de entrevista, é fundamental valorizar todos os comentários emitidos pelos trabalhadores, ou seja, dar importância a tudo o que é dito (DEJOURS 1992). Para que isso se efetive, é necessário fazer uso das técnicas da Psicodinâmica do Trabalho, em que o foco está centrado na palavra do sujeito. Neste sentido, a entrevista também pode contribuir para possibilitar a reflexão do trabalhador quanto ao trabalho e sofrimento.

A entrevista deve ser desenvolvida em um local em que os trabalhadores se identifiquem com o trabalho, ou seja, em um ambiente interno do próprio local pesquisado (DEJOURS, 1992). Neste sentido, mediante a *Carta de Aceite* (APÊNDICE A), a pesquisa foi aplicada na própria instituição policial, mais precisamente no Centro de Atendimento Psicossocial da Brigada Militar, alocado no prédio que contemplam os atendimentos voltados para a saúde dos policiais.

### **3.3.1 As Entrevistas**

As entrevistas foram desenvolvidas de modo individual e semiestruturado, com oito servidores da Brigada Militar de um Município do Vale do Rio Pardo. Neste modelo, semiestruturado, as questões são formuladas de modo flexível, permitindo assim, o surgimento de outras perguntas e comentários fora do *script*, que possam facilitar a exploração do tema (ROSA; ARNOLDI, 2014).

Tal padrão possibilita, ao pesquisador, valorizar as percepções, conhecimentos e sentimentos do entrevistado, tão importante para abordagem da Psicodinâmica do Trabalho. Neste sentido, este modelo possibilitou dialogar com os trabalhadores de um modo flexível, possibilitando, por vezes, explorar outras questões que surgiram no decorrer da entrevista sobre a dinâmica do trabalho.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, tendo como propósito compreender como os sujeitos percebem e interagem com o mundo a sua volta (FLICK, 2009). No contexto específico deste trabalho, o da Brigada Militar, o objetivo foi entender como os trabalhadores percebem as suas relações com a organização do trabalho e os possíveis processos de saúde/adoecimento, ocasionados pela dinâmica laboral.

Além disto, utilizou-se o método clínico de intervenção e de investigação da Psicodinâmica do Trabalho. Conforme Dejours (1994), neste modelo, a pesquisa se revela como um excelente analisador e revelador da organização real do trabalho, isso porque ela considera as percepções, vivências e reelaborações dos próprios sujeitos.

Seguindo estes pressupostos, a entrevista possibilitou um espaço de verbalização, escuta, reflexão e de discussão quanto a relação do trabalhador para com a organização do trabalho, ou seja, um espaço para que o policial militar pudesse expressar, por meio da fala, suas percepções laborais. Dejours (1994, p. 142) enfatiza ainda que, “[...] a via de acesso à vivência subjetiva e intersubjetiva do trabalho passa, para o psicopatologista, quase exclusivamente pela palavra dos trabalhadores e não pela observação dos atos, dos fatos, dos comportamentos ou dos modos operatórios”.

As perguntas que integraram a entrevista deste trabalho foram elaboradas com o objetivo de caracterizar o perfil dos participantes e, sobretudo, de possibilitar a verbalização quanto a vivência laboral e a relação com a organização do trabalho, bem como a possibilidade de perceber situações geradoras de sofrimento e prazer. O modelo de entrevista utilizado encontra-se no (APÊNDICE B).

### **3.3.2 Caracterização dos Policiais Participantes**

Os sujeitos integrantes da pesquisa são formados por oito servidores de um Município do Vale do Rio Pardo, que atuam há mais de oito anos na Brigada Militar, os quais foram selecionados de forma aleatória, contemplando os dois únicos requisitos: tempo superior de trabalho ao período probatório e atuante nas funções de soldado ou

sargento. O detalhamento da caracterização dos policiais está explicado no capítulo de Análise e Discussões dos Resultados.

É importante ressaltar que a pesquisa acadêmica científica está aportada em princípios éticos que visam assegurar, aos participantes, o respeito e a proteção. Neste sentido, este trabalho foi realizado contemplando todas as regras éticas científicas. Primeiramente, foi solicitado a autorização do Comando da Brigada Militar para a realização do estudo (APÊNDICE A). Após a aprovação, submeteu-se ao Comitê de Ética da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Com tais aprovações, contactou-se, por meio de contato telefônico, os policiais aspirantes desta amostra, convidando-os para participarem individualmente da entrevista em data e horário previamente agendados. Antes de dar-se início, foi explicado e esclarecido as informações pertinentes, como: o funcionamento da pesquisa, seus objetivos e propósitos, bem como o que será feito com as informações levantadas por este estudo.

Além disto, foi garantido a confidencialidade e uso exclusivo dos dados para o presente estudo, bem como o anonimato dos participantes. Pediu-se, também, a permissão para gravar em áudio as entrevistas, objetivando garantir uma escuta e leitura fidedigna dos conteúdos, esclarecendo, assim, que todo o material coletado, o áudio e as transcrições, serão utilizados somente para fins científicos.

Após o aceite voluntário, cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (APÊNDICE C), tendo a liberdade de interromper sua participação em qualquer etapa da pesquisa. Ao término das entrevistas, as gravações e transcrições foram guardadas, encontrando-se sob a guarda da pesquisadora por cinco anos.

### **3.3.3 Observação Clínica**

A observação clínica é essencial para a elaboração e discussões da Psicodinâmica do Trabalho. Neste sentido, é muito importante que o pesquisador tenha anotações sobre suas percepções quanto ao processo de entrevista, colocando por escrito, tudo aquilo que observar nos participantes e no movimento do grupo. Conforme Dejours (1992, p. 152), “[...] trata-se não somente de restituir os comentários dos trabalhadores sobre o sofrimento, mas de ilustrá-los e articulá-los, à medida que se apresentam, com o comentário subjetivo do pesquisador”.

Para isso, o autor sugere a realização desta redação logo após cada sessão de encontro, isso porque a memória do pesquisador ainda se encontra bastante ativa, podendo assim, redigir com mais fluidez e considerando todas as possíveis observações (DEJOURS, 1992). Por tal importância, este trabalho também adotou esta prática de redação, sempre ao término de cada encontro. Este material, juntamente com as transcrições, foi relevante para a produção das análises e discussão dos resultados.

O objetivo principal desta técnica é demonstrar as interações entre os membros da pesquisa, ou seja, do pesquisador e dos trabalhadores, tornando notório todas as reações e movimentos de ambos os lados. Com isto, é possível a realização de uma análise mais completa e condizente com a realidade dos trabalhadores.

### **3.4 Validação da Pesquisa**

A validação dos participantes da pesquisa é fundamental para a Psicodinâmica do Trabalho. Para que isso ocorra, as análises dos temas emergidos no grupo devem contemplar sentido aos entrevistados, pois, somente assim, haverá a resignificação coletiva. Dejours (1992) afirma que este processo ocorre em dois momentos. O primeiro, durante o procedimento da entrevista, por meio das elaborações, interpretações, discussões e comentários que surgem no processo. Nesta etapa, já se pode ter uma percepção quanto a validação dos entrevistados à investigação, demonstrando-se ou não interessados.

No presente estudo, a validação aconteceu durante as entrevistas por meio dos comentários realizados pelos policiais de que a pesquisa os fez pensar sobre o trabalho e no que ele pode impactar nas suas vidas. Inclusive, alguns dos participantes, relataram de que este havia sido o único momento, durante toda a carreira profissional, em que pensaram sobre questões relacionadas ao trabalho.

Já o segundo momento ocorre posteriormente as entrevistas iniciais, no processo de devolução dos resultados, observações e interpretações, porém, desta vez, direcionada ao sofrimento na organização do trabalho. Tal devolução propicia, ao pesquisador, a percepção e avaliação das reações dos trabalhadores, podendo modificar o relatório final, caso necessário (DEJOURS, 1992).

Ao término da pesquisa, o material produzido neste processo, será devolvido aos trabalhadores em formato de relatório final. Esta etapa, demonstra o respeito para



com aqueles que contribuíram para construção deste trabalho.

Neste sentido, é possível afirmar de que a validação da pesquisa ocorreu pelos trabalhadores a partir da elaboração, reflexão, interpretação e ressignificação do sofrimento laboral. Tal validação, confirma de que há relação entre o sofrimento e organização do trabalho, sendo que está descrita no capítulo de Análise e Discussões dos Resultados.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos resultados da presente pesquisa, que foram produzidos por meio das entrevistas realizadas com os policiais da Brigada Militar, articuladas com as teorias norteadoras deste trabalho. É importante salientar que este processo de análise ocorreu em várias etapas. Primeiramente, foram realizadas as entrevistas e posteriormente as transcrições das mesmas, o qual gerou um documento de 76 páginas. Após, iniciou-se as leituras e releituras do material transcrito na íntegra. Em seguida deu-se início a revisão das anotações realizadas sobre as percepções do processo de entrevista. Com essas etapas concluídas, realizou-se as definições dos eixos temáticos relevantes a serem trabalhados. Logo em seguida, foi realizada a seleção dos trechos das falas dos policiais. E por último, a análise deste material fundamentado nas teorias norteadoras do presente trabalho.

Neste sentido, para melhor compreensão do leitor, o capítulo foi organizado em quatro eixos temáticos que contemplam os seguintes títulos: *EIXO I - Organização do trabalho do Policial da Brigada Militar*. *EIXO II - Prazer e Sofrimento no Trabalho*, *EIXO III – Estratégias* e *IV Um espaço de reflexão do trabalho policial*.

O Quadro 1, na sequência, apresenta a associação entre os objetivos, eixos e sub-eixos temáticos.

**Quadro 1 – Objetivos, eixos e sub-eixos temáticos**

OBJETIVO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	EIXOS-TEMÁTICOS
Analisar a relação entre a organização do trabalho dos policiais da Brigada Militar e o processo de saúde/adoecimento.	Identificar de que modo a organização do trabalho impacta na saúde do policial da Brigada Militar.	<b>I Organização do trabalho da Brigada Militar</b> - Hierarquia e Militarismo - Jornada de Trabalho - Profissão de Risco
	Analisar o prazer e sofrimento presente no contexto laboral dos policiais militares.	<b>II Prazer e Sofrimento no Trabalho</b> - Espaço para o sofrimento?
	Investigar a existência de estratégias defensivas utilizadas pelos policiais no ambiente de trabalho.	<b>III Estratégias</b> - Insensibilidade - Embrutecimento - Alienação - "Superpoderes"
<b>IV Um espaço de reflexão sobre o trabalho policial</b>		

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.1 Caracterização dos entrevistados

As entrevistas foram realizadas com oito servidores da Brigada Militar de um Município do Vale do Rio Pardo, tendo como objetivo analisar as relações existentes entre a organização do trabalho dos policiais da Brigada Militar e a produção de saúde e adoecimento. A amostra utilizada caracteriza-se por servidores que atuam há mais de oito anos na Brigada Militar nas seguintes funções: soldado da polícia rodoviária (1), soldado da seção de logística e patrimônio (2), soldado de policiamento ostensivo (3), sargento analista (1) e sargento administrativo (1). Destes, 63,5% atuam, prioritariamente, em serviços burocráticos ou de apoio, enquanto que 37,5% atuam em serviços operacionais de policiamento de rua. Todavia, todos eles, em algum momento, já atuaram no policiamento de rua.

A amostra ainda se caracteriza como 3 pessoas do sexo feminino e 5 do masculino, evidenciando que o sexo masculino ainda prevalece na função de policiamento. Além disto, as amostras possuem as seguintes faixas etárias: 30, 32, 33, 34, 38, 39, 43 e 52 anos. Quanto a escolaridade, 3 dos entrevistados possuem curso superior completo, sendo dois em Direito e um em Pedagogia. Outros 3 entrevistados possuem formação superior incompleto, dos cursos de Publicidade e Propaganda (1), Engenharia Civil (1) e Educação Física (1). Os outros dois entrevistados possuem ensino médio completo, corroborando que na contemporaneidade a maioria dos servidores da Brigada Militar, mesmo aqueles que possuem a função hierárquica mais baixa, possuem ou estão buscando uma formação superior. O detalhamento da caracterização dos policiais participantes da pesquisa consta na Quadro 2, que é apresentado com o intuito de caracterizar o perfil dos participantes.

**Quadro 2 – Caracterização dos policiais participantes da pesquisa**

Entrevistado	Gênero	Cargo	Idade (anos)	Escolaridade	Tempo de trabalho na Brigada Militar (anos)
1	M	Soldado da polícia rodoviária	39	Ensino Superior Incompleto (Educação Física)	15
2	F	Soldado da seção de logística e patrimônio	38	Ensino Médio	15
3	M	Soldado da seção de logística e patrimônio	32	Ensino Superior Completo (Direito)	11
4	F	Soldado de policiamento ostensivo	33	Ensino Superior Incompleto (Publicidade e Propaganda)	8
5	M	Soldado de policiamento ostensivo	30	Ensino Superior Incompleto (Engenharia Civil)	8
6	M	Soldado de policiamento ostensivo	34	Ensino Superior Completo (Direito)	11
7	M	Sargento analista	52	Ensino Médio	32
8	F	Sargento administrativo	43	Ensino Superior Completo (Pedagogia)	23

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante ressaltar que se optou por não identificar as falas dos entrevistados, pois o foco do presente trabalho é a demanda do coletivo e não questões individuais. Deste modo, não houve a necessidade de incluir nomes fictícios junto aos comentários verbais.

#### **4.2 Eixo I - Organização do trabalho do Policial da Brigada Militar**

O propósito desta análise é avaliar se as relações entre a organização do trabalho e os policiais da Brigada Militar podem contribuir ao processo de saúde/adoecimento dos trabalhadores. Todavia, para isto, é necessário caracterizar o trabalho, que inclui a rotina e cotidiano profissional, as escalas e horas-extra de trabalho, o funcionamento das normas, a hierarquia, o militarismo, o risco de vida eminente e espaço para compartilhar o sofrimento.

Antes de tal caracterização, é pertinente entender o que é a organização do trabalho conforme os preceitos da teoria da Psicodinâmica do Trabalho. Para Dejours (1992), a organização do trabalho não é só a divisão do trabalho, mas, sobretudo, a divisão dos homens para garantir a divisão de tarefas, que é configurada pelas hierarquias, repartições de responsabilidades e sistemas de controle. O sofrimento mental é resultante desta organização que perpassa as modalidades de comando, controle e relações de poder. Nesta lógica dejouriana, para entender as relações que estão estabelecidas no contexto policial da presente pesquisa, e se essas são causadoras de sofrimento e prazer, é necessário conhecer a organização de trabalho da Brigada Militar.

#### **4.2.1 Hierarquia e Militarismo**

O modelo da organização da Brigada Militar, mesmo em 2017, em que há uma tendência de horizontalização hierárquica nas organizações do trabalho, continua muito semelhante ao modelo antigo militarista do exército brasileiro, composto por uma estrutura rígida de regras e hierarquia verticalizada. Neste modelo, os policiais precisam, necessariamente, seguir e obedecer às normas e hierarquias institucionalizadas, sem possibilidade de discutir possíveis mudanças de melhorias nos processos e relações de trabalho. Conforme o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1998), artigo 12 - “A hierarquia e a disciplina militares são a base institucional da Brigada Militar, sendo que a autoridade e a responsabilidade crescem com o grau hierárquico”.

O processo de mudanças estruturais e gestão contemporânea vai de encontro ao processo norteador institucional da Brigada Militar. Neste novo modelo, a ideia é propiciar uma gestão mais leve, participativa e horizontal, diminuindo assim, os níveis hierárquicos da organização. Teoricamente, a ideia desta nova proposta é buscar a melhoria na produtividade, qualidade do trabalho e segurança dos trabalhadores (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008).

Todavia, mesmo os policiais inseridos neste modelo arcaico de gestão que promove um ambiente laboral por vezes rígido e de inflexibilidade de mudanças, ainda sim, percebe-se, por meio das entrevistas, que os policiais se identificam, aprovam e enxergam inúmeros benefícios neste modelo militarista. Além disto, eles têm a ideia de

que este é o meio mais adequado para garantir a segurança da sociedade, bem como relato abaixo.

*É claro que tem que existir o militarismo, tem que existir um pouco desta rigidez, pois a gente tem muita gente com tendência fraca para se desviar. A pessoa tem que ter algum receio de que acontece alguma coisa. Se não, vira baderna. O militarismo tem que existir, se não a Brigada Militar vira bagunça.*

Este modelo, de gestão militar, defendido pelos próprios policiais como necessário e mantenedor da ordem e da organização, paradoxalmente, é um gerador de frustrações e sofrimento, pois os policiais indispõem de um espaço em que possibilite a participação efetiva na construção de projetos, ideias e planejamento das atividades laborais.

Conforme Dejours (1992-1993), o medo é inerente ao trabalho. Mas, quando ele é proveniente do ritmo e das más condições laborais, neste sentido, afeta a saúde mental dos trabalhadores de modo progressivo. Para o autor, o sofrimento é consequência da falta de autonomia do próprio sujeito para a realização de suas atribuições, da ausência de um espaço em que permite a negociação com a organização e da impossibilidade de tornar a labuta congruente ao seu desejo.

Nesta lógica, dentro do sistema policial, há sofrimento e sentimento de desprazer, isso por conta das relações laborais que são submetidas a um ritmo hierárquico verticalizado, impossibilitando assim, a autonomia e realização do desejo. Comumente, todo o trabalho deve ser seguido conforme a escala hierárquica.

*É ruim a situação de algumas pessoas acharem que são mais que os outros por causa de uma posição hierárquica. Achar que sabem mais, que podem mais. Mas, algumas vezes a gente sabe que na realidade são tecnicamente inferiores. É ruim tu lidar com algumas pessoas que te falam coisas que estão erradas e que tu sabe que não é assim. Mas, são teus superiores. Isso é que nem as diretrizes, a gente tem que acatar, porque se a gente não acatar, a gente sabe o que pode acontecer.*

Mas, assim como aparecem afirmativas de uma suposta tranquilidade em trabalhar em um ambiente militarista, aparecem, também, relatos quanto ao sofrimento que tiveram para se adaptarem a este modelo. O interessante, é que o relato abaixo é de um policial que vem de uma família de militares, sendo que antes mesmo de ingressar na BM, já vivenciava um modelo familiar pautado em uma cultura militarista.

Entretanto, mesmo assim, relatou um sofrimento referente a adaptação, pois entende-se que esta vivência é singular e diferente para cada indivíduo. Conforme Gonzalez Rey (2005), a singularidade é resultado da história de vida do sujeito, das

suas condições socioeconômicas, da maneira como se relaciona com os outros, ou seja, é tudo aquilo que caracteriza o seu mundo interno, composto por emoções, sentimentos e pensamentos, o distinguindo dos demais e o tornando único. Por isso, cada sujeito tem uma maneira única de perceber e representar a sua realidade, mesmo dentro do mesmo sistema familiar ou organizacional.

Mesmo com maneiras tão distintas de perceber e sentir a realidade, identificou-se que com o tempo os policiais passam por um processo de institucionalização e naturalização. Neste processo, por vezes, o sofrimento não aparece mais em evidência como no período de adaptação à nova realidade laboral. Conseqüentemente, podem emergir estados de apatia, desmotivação, improdutividade e depressão.

*Hoje, depois desses anos todos, a gente se acostuma com a hierarquia. No início, é difícil. No início, tu pensas: - "Nossa, mais eu podia mudar isso, fazer de uma forma diferente. Poxa, eu podia mudar isso. Mas, daí tu percebe que não depende de ti. Então, tu segues o baile no ritmo, ou tu acabas de estressando. Mas, a gente acaba entrando no ritmo. Com o passar do tempo, a gente se acostuma.*

Nas amostras também aparece a ideia utópica de que eles conseguem fazer a separação do sujeito policial ao sujeito social, ou seja, seguem este modelo militar somente no ambiente de trabalho por conta da necessidade em atuar com regras rígidas para garantir a segurança pública. Tal ideia contraria os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho que enxerga o ser humano como um todo indivisível. Conforme Dejours (1992, pag. 46), o homem "[...] é condicionado ao comportamento produtivo pela organização do trabalho, e fora da fábrica, ele conserva a mesma pele e a mesma cabeça". Portanto, o trabalho e o social são indissociáveis ao homem. Isto significa que o sujeito carrega consigo no seu ambiente de trabalho as suas questões sociais, assim como carrega para a sua vida pessoal as suas questões laborais.

*Eu não vejo nenhum problema em trabalhar com hierarquia. Aqui dentro eu sou militar, lá fora eu sou o fulano X.*

Este sub-eixo apresentou a organização do trabalho da Brigada Militar e as suas relações estabelecidas neste espaço, reguladas pelo modelo militarista, rigidez hierárquica e sistema de controle. Diante de tal caracterização, é evidente a existência de sofrimento dos policiais decorrentes da ausência de espaço em que possibilite autonomia e a realização de desejo. Como este processo é dinâmico, então, para se protegerem, fazem uso de estratégias defensivas, discutido no eixo temático III.

#### 4.2.2 Jornada de Trabalho

Além da hierarquia e militarismos, os policiais possuem escalas rígidas e longas de trabalho, tendo que atuar, muitas vezes, no turno da noite, em datas comemorativas, finais de semana e feriados, dificultando assim, as relações familiares e sociais externas ao trabalho. Talvez, este seja um dos motivos dos policiais constituírem suas relações de amizade e familiares dentro da própria Brigada Militar, quase que exclusivamente. Além disto, conforme os entrevistados, inúmeras vezes, são convocados para trabalharem em ocorrências em seus horários de folga. Há diferentes escalas de trabalho, mas uma das mais perversas, para os entrevistados, é a escala que prevê o trabalho por 12 horas com descanso de 24 horas, seguida por 12 horas de trabalho e descanso por 48 horas.

*Tu precisas estar sempre com o celular junto. Nos finais de semana, eles te dão um tempo de tolerância no momento que tu atendes. Mas, se te ligam é porque tu tens que atender, é da função! Se tu és convocado, tem que ir!*

É importante ressaltar, também, que existem estudos comprovando de que as jornadas de trabalho noturna e as escalas de 24 horas de trabalho, características da profissão militar, contribuem intensamente para o adoecimento dos policiais, podendo deste modo, originar distúrbios neuropsíquicos, gastrintestinais, cardiovasculares e alterações do sono (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2015). Tais distúrbios são extremamente preocupantes por se tratarem de uma profissão que, por si só, já é desgastante física e mentalmente, como pode ser percebido no seguinte relato.

*Tu sabes que quando tinha uma ocorrência, a gente saía as 7 horas da manhã e ia dormir no outro dia às 10 horas da manhã. Até tu voltar a sentar, até chegar em casa, tomar um banho e comer uma coisa, já havia passado mais de 24 horas.*

Outra situação apresentada pelos policiais, é que mesmo quando estão de férias ou de folga, estão, constantemente, acompanhando tudo o que acontece na cidade por meio do *WhatsApp* da Brigada Militar. Esta ferramenta contemporânea, quando usada com parcimônia e de forma apropriada, pode facilitar a comunicação no âmbito social e até mesmo no corporativo. Mas, pensá-la em um ambiente laboral, em que as relações hierárquicas exigem que os trabalhadores estejam prontos e à disposição para ação, mesmo nos horários de folga, torna a necessidade de os policiais estarem,



constantemente, conectados às ocorrências policiais. Tal atitude pode desencadear quadros de ansiedade, cansaço e sofrimento.

*O WhatsApp da BM me deixa ligada o tempo todo! Tudo o que está acontecendo na cidade, eu sei. Olha, neste momento o meu celular está vibrando. Certamente, é algo que está acontecendo. Eu estou vendo tudo o dia inteiro!*

Cada vez mais as empresas e organizações de trabalho estão aderindo e usando aplicativos de mensagens rápidas, ao exemplo do *WhatsApp*, para conectar seus trabalhadores, buscando a disponibilidade integral ao trabalho. Esta realidade não é única e exclusiva da Brigada Militar. Todavia, mesmo antes do uso indiscriminado deste aplicativo, os policiais já carregavam consigo um sentimento de responsabilidade em praticamente 24 horas por dia, ou seja, não é somente o recebimento de mensagens por meio do celular que os fazem entrar em uma rotina laboral constante, mas este fator intensifica o contato com o trabalho.

O Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1998), traz no artigo 31 - “[...] prometo [...] dedicar-me inteiramente ao serviço policial-militar, à manutenção da ordem pública e à segurança da comunidade, mesmo com o risco da própria vida”. Tal compromisso faz com que o policial se sinta responsável pela segurança pública, até mesmo quando não está usando a farda. Prova disto, é que os policiais carregam sempre consigo a arma de fogo, independentemente, de onde estiverem, como se ela fosse um membro do corpo. Apresentam-se sempre “prontos” para enfrentar as situações adversas de violência.

Outro aspecto interessante, apresentado pelos entrevistados, é que eles estão sempre atentos ao que acontece na sociedade, mesmo quando estão em um momento de festa ou descontração com a família. O olhar, conforme identificado nesta pesquisa, está sempre atento e buscando desvelar mais um crime.

*Eu estava passeando de carro com a minha esposa, ao avistar pelo retrovisor, uma moto se aproximando do meu carro, saquei a arma e apontei ao motoqueiro. Neste momento, a minha esposa ficou desesperada por conta da minha ação. Então, eu disse a ela que precisei fazer isso, pois caso fosse um bandido, antes eu matá-lo do que ser assassinado.*

Além do olhar observador e por vezes desconfiado, eles ainda apresentam uma mudança comportamental, diferentemente do paisano. Nas entrevistas, eles relataram que não se permitem sentar virados de costas para a porta, por exemplo, em um restaurante, isso porque precisam estar de frente ao possível transgressor, em caso de

uma ocorrência, já que assim, conseguirão agir rapidamente. Relataram, também, que quando andam de carro, observam as movimentações nos mercados pequenos, que comumente são alvos de assaltos. Além disto, apresentam um cuidado maior ao sair com o carro e estacioná-lo, sempre buscando ter a certeza de que não estão correndo risco de assalto ou outro tipo de violência, bem como evitam frequentar bairros e locais onde há presença de facções criminosas

Conforme os entrevistados, os policiais, em cidades pequenas, trabalham muito mais fora do horário de trabalho. A explicação para isto é que a maioria dos moradores conhecem quem é policial. Com isto, diante de ocorrências, na maioria das vezes, se faz contato direto com o policial conhecido, mesmo ele estando em horário de folga. O policial, por sua vez, se sente na obrigação de atender ao chamado, mesmo não ganhando nada pela realização deste trabalho, já que é extra jornada.

*É um serviço de 24 horas. Mas, faz parte!*

Tal descrição da jornada real de trabalho do policial militar, evidencia uma rotina densa e árdua, pautada na necessidade de atuar em plantões noturnos, escalas de 12 horas de trabalho e, por vezes, trabalhar também nos feriados e datas comemorativas. Conforme Fábio (2016), esta jornada rigorosa e perversa prejudica o descanso dos policiais, afeta a saúde psicológica e os afasta da família e das redes de apoio que poderiam auxiliá-los nos momentos de crise.

No contexto institucional da presente pesquisa, este afastamento da família e de redes de apoio, fica evidente na forma como é estabelecida e divulgada a escala de trabalho aos policiais, que as recebem poucos dias antes da atuação, impossibilitando um planejamento social, familiar e externo ao trabalho. Além disto, o planejamento de escala não considera o agendamento dos atendimentos psicológicos dos trabalhadores usuários deste serviço, que é oferecido pela própria instituição. Embora o serviço de psicologia seja oferecido na Brigada Militar, paradoxalmente, nem sempre os trabalhadores conseguem frequentá-lo ou dar continuidade ao tratamento em virtude da própria organização do trabalho.

Conforme Minayo, Souza e Constantino (2015), pensando na saúde do policial, é de suma importância garantir o atendimento às necessidades físicas, sociais e emocionais dos trabalhadores. Para que isso ocorra, é importante refletir sobre possíveis medidas administrativas que possibilitem outras formas de atuação profissional.

### 4.2.3 Profissão de Risco

Outro aspecto relevante para compreender a rotina laboral do policial, é entender como ele percebe e lida com o risco de vida eminente. O Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1998), traz os deveres policiais no artigo 29 - I “[...] a dedicação ao serviço policial-militar e a fidelidade à Pátria e à comunidade, cuja honra, segurança, instituições e integridade devem ser defendidas, mesmo com o sacrifício da própria vida” (RIO GRANDE DO SUL, 1998). Tal responsabilidade e devoção à segurança pública, os fazem enfrentar o medo de perder a própria vida, bem como o relato.

*A gente tem medo, mas a gente sabe que tem que enfrentá-lo, e a gente enfrenta! Tu vais com medo! A regra é essa, se tiver medo, vai com medo! Quanto tá lá na rua, tá fardado e equipado, tem que ir!.*

Esta concepção vai de encontro à ideia, muito difundida na sociedade, de que os policiais não sentem medo diante das ocorrências de trabalho. Talvez, isso tenha originado por conta do estereótipo desta classe de trabalhadores, constituída dentro de um regime e cultura militar. Mas, certamente, por trás da farda, da arma, do cassetete e mesmo de uma postura sisuda, militar e desconfiada, pode sim, existir um ser humano que sofre e teme ao perigo, teme em não poder mais retornar à sua casa; enfim, teme em perder sua vida.

*É frustrante trabalhar com o risco de vida eminente e a expectativa do não voltar para casa. Quando a gente sai para a rua, e coloca 8 kg de equipamento no corpo. Tu entras em uma viatura, e está tudo tranquilo. Em seguida avisam que está tendo um assalto em tal lugar. Poxa vida, sou eu que tenho que ir! E tu vai!*

Os participantes corroboram de que muitos policiais conseguem se dar conta de que sentem medo diante de algumas ocorrências. Todavia, quando refletem sobre o risco eminente de vida, unanimemente, declaram que se sentem mais seguros sendo policiais do que civil, justificando essa segurança ao porte de arma. Talvez, essa justificativa e resistência os faz conseguir se manter nesta profissão, podendo ser considerada até mesmo uma estratégia defensiva que os façam minimizar o medo e o risco vivido cotidianamente.

*Eu me sinto mais seguro trabalhando na brigada do que se eu estivesse na*

*vida civil. Se eu estou de serviço ou de folga, pelo menos, eu tenho uma arma para me defender. Se eu não fosse da brigada, fosse da vida civil, trabalhando, por exemplo, em um comércio, e ocorresse um assalto, eu não teria como me defender, entendeu?!*

Paradoxalmente, alguns policiais, inclusive aqueles que relataram que se sentem mais seguros do que o cidadão civil, disseram ter optado em vestir a farda somente no local de trabalho, evitando assim, se expor ao risco de serem “atacados” por transgressores. Além disto, para eles, a farda da BM não é mais tão valorizada e admirada como no passado, ou seja, a farda e o policial estão passando por um processo de indiferença diante do olhar da população e até sentimentos negativos. Em contrapartida, aos olhos dos transgressores, a farda simboliza o inimigo.

*Hoje eles estão querendo assassinar os policiais, não é mais rixa, é a facção querendo eliminar os policiais. Então, eminência é 24 horas. Não é porque trabalho no setor administrativo que deixo de correr risco.*

Outro fator associado ao risco da profissão, que foi identificado nas amostras, é de que todos eles já tiveram a experiência de perder um colega policial de trabalho em uma ocorrência. Para eles, esta experiência é uma das mais fortes e impactantes, semelhante a perda de um irmão, pois é assim que eles se referem ao colega de trabalho, até mesmo ao policial de outro estado. Diante desta perda, surgem inúmeros sentimentos, como: revolta, indignação, injustiça e, também, a reflexão de que isso poderia ter acontecido consigo. Talvez, este seja um dos únicos momentos em que alguns deles conseguem refletir sobre o risco de vida eminente e sobre o valor da vida.

*Tu podes chegar lá e ter tiro para tudo o que é lado. E tu tá chegando e levar um tiro. Meu padrinho foi assim, chegando em um assalto, bum, levou um tiro na cabeça e morreu.*

*A sensação que fica é que a cada dia um colega vai morrer.*

*Feliz de quem está aí e ainda pode contar suas histórias, porque muitos têm cicatrizes, muitos estão machucados, muitos levaram tiro, muitos morreram.*

*Já presenciei colega tomar tiro, comadre minha que morava comigo tomar tiro. Já tive oficial e comandante que morreram. O meu tio, que era da corporação morreu. Meu padrinho era da corporação também morreu em um assalto, estendeu?! Isso tudo me afeta! Te dá aquele medo, porque a gente tá ali no meio daquilo tudo. Dá aquela indignação. Não acredita que ninguém faz nada. Não há o que fazer. Mas, acontece todos os dias, a gente ouve. O colega morreu por ter abordado um carro. O outro levou um tiro porque reagiu. O outro, que já está aposentado, morreu fazendo um bico. Aquilo ali te indigna, porque é mais um, mais um que vai. O sentimento que a gente tem é que morreu um irmão. O que é um herói morto, né! Eu não quero isso pra mim, Deus me livre!*

*Não dá tempo de pensar, é muito rápido. Quando vê, passou um tiro por ti. Tu*

*te deitas, espera, vê se tu vais poder atirar, te protege e tenta sobreviver, é o que tu pensas na hora. Nem pensa muito em querer resolver ou matar alguém. Tu pensas que tu queres somente sobreviver. Tu pensas em te proteger para sobreviver. Ainda mais depois que tu percebes que para eles tu és nada.*

Para eles, este assunto é tão impactante que neste momento da entrevista, vários se demonstraram tristes e afetados, inclusive alguns chegaram a se emocionar ao relatar casos que os fizeram lembrar da perda de parentes e colegas. O interessante é que essa comoção surgiu até mesmo naqueles que, na maior parte da entrevista, se demonstraram inacessíveis aos sentimentos.

Além do sofrimento diante do assassinato de colegas, também apareceu nas amostras, o sentimento de raiva e o desejo de vingança àqueles responsáveis pela violência contra seus pares ou mesmo a morte. Existe uma “lei” interna, estabelecida pela própria tropa, de que em primeiro lugar precisam garantir à segurança de todos os policiais e seus familiares, pois, somente diante desta segurança, conseguirão trabalhar em defesa da sociedade como um todo. Talvez, a descrença na justiça os leva a estabelecer uma regra interna de fazer justiça com as próprias mãos.

*O difícil é quando tem colega ferido, daí é complicado! Eu já tive colegas feridos, estava em casa, daí o telefone tocou - “Fulano, acabaram de matar um colega”. Daí tu nem pensa, tu pega a tua arma e sai atrás dos bandidos. Como foi o caso da morte do nosso capitão, aquele que mataram no assalto ao banco. Isso era 8 horas da noite, o colega me ligou avisando que mataram o capitão. Então, peguei a arma no mesmo instante e saí atrás dos assassinos. Tu nem pensa...a gente sai com uma arma simples e os caras estão com armas poderosas. O cara matou o nosso colega com duas quadras de diferença, e tu pensa quando que uma arma nossa vai fazer isso. E isso a gente não pensa. Mas, agora, eu falando contigo, estou me lembrando das coisas. Na verdade, eu nunca tinha pensado sobre isso, e a gente ia no meio dos matos atrás dos bandidos. Era um automático na busca dos assassinos, na busca de quem matou o nosso colega. Era uma loucura!!!*

*Nossa regra fundamental é obrigado a cuidar da casa da Brigada! Se não, como vamos ajudar os outros se não nos ajudamos. Primeiro apoio sempre aos colegas. Em caso de entrarem na casa de um colega, se der para mandar todas as viaturas lá, nós mandamos. Pois podem levar armas, colete, que estarão nas mãos de vagabundos e depois na rua contra nós mesmos, entendeu? Se nós não nos apoiarmos, como nós vamos apoiar os outros.*

Neste eixo temático, analisou-se a percepção de risco e o risco real vivenciado pelos próprios policiais militares. De acordo com os relatos, é perceptível de que eles, em especial os soldados, os mais vulneráveis, por estarem na linha de frente das ações, utilizam estratégias defensivas que minimizam o sentimento e a percepção de insegurança e risco. Tal estratégia os permitem se manterem ativos na função. Conforme Minayo, Souza e Constantino (2015), por meio destas defesas, os policiais introjetam a identidade policial, ou seja, um ser com “superpoderes” e inabalável.

Contrariamente, demonstram-se abalados e inseguros diante da perda de um colega. Talvez, o fortalecimento de união entre os soldados, os quais eles se nomeiam como irmãos, é proveniente do medo de morrer, partindo de uma percepção real de risco da profissão, em que há a necessidade de proteger o outro (o colega) e de ser protegido.

### 4.3 Eixo II – Prazer e Sofrimento no Trabalho

O cenário laboral do policial militar é demarcado por situações estressoras, violentas e perigosas. Mas, mesmo diante deste contexto adverso, ainda sim, há espaço para realizações, prazer e reconhecimentos profissionais. Quanto à escolha da profissão, a maioria dos entrevistados atribuíram a um sonho de infância, um sonho de ser um “super-herói”, de poder ajudar as pessoas e de fazer a diferença em nossa sociedade.

Conforme Dejours (1993), o desejo é uma espécie de revisitar as primeiras experiências de satisfação da infância, invocando assim, pensamentos ilusórios e fantasmáticos da subjetividade do sujeito. No trabalho, é importante que os trabalhadores disponham de espaço e autonomia para exercer o desejo. No entanto, esta não é uma realidade muito presente na instituição policial. O que se percebe é que, nas raras vezes em que há o reconhecimento do trabalho, os policiais se sentem como os heróis dos sonhos de infância, uma espécie de realização do desejo.

*Eu sempre tive aquela atração por polícia, isso desde a infância e adolescência. Mas, eu nunca havia pensado em entrar na Brigada Militar. Daí eu fiquei sabendo do concurso e resolvi fazê-lo. Minha motivação veio dos filmes de infância e adolescência. Eu gosto de poder ajudar as pessoas.*

Além deste desejo, surgido na tenra idade, também atribuíram a escolha da profissão por conta da estabilidade financeira. Conforme Dejours (2003), tanto aqueles que têm emprego como aqueles que não o tem, sofrem diante da política de desemprego estrutural criada pelo capitalismo. Neste modelo, os trabalhadores sofrem constantes ameaças de demissão. Para permanecerem empregados, se sujeitam a pressões e exigências, por vezes, irrealizáveis. Tal cenário instiga muitas pessoas a procurarem um trabalho que possibilite uma certa “estabilidade”, como no caso dos concursos públicos. Além disto, também atribuem a escolha por conta de uma identificação com um familiar que também é militar, como apresentados nos relatos.

*O meu meio-irmão é oficial da brigada há muitos anos, então tenho uma forte referência dele. Outro motivo é pelo fato de ter um emprego que possibilita eu poder ter uma faculdade e um conforto. Apesar de todas essas crises que a gente está passando no estado, mas ele ainda nos garante uma estabilidade financeira.*

*Eu me identificava com o meu pai, com o que ele fazia, ele era oficial da BM. Eu achava bonito as formaturas, aquela coisa do compromisso com a farda e com tudo. Foi o que me motivou.*

O policial, mesmo nos dias de hoje, ainda é uma referência em nossa sociedade por conta de ser o responsável pela manutenção da segurança pública e, também, por ter certo poder e autoridade que os diferenciam dos demais cidadãos. Isso os torna um profissional percebido e identificado por toda a população. Para alguns, essa visibilidade e poder gera um sentimento de importância, potência e prazer.

Tal afirmativa pode ser observada nos inúmeros relatos da amostra sobre a satisfação e prazer que sentem ao serem reconhecidos pela comunidade. É muito provável, que nestes momentos, os policiais conseguem se sentir como o super-herói pertencente aos sonhos de infância, aquele que os motivou ao ingresso na Brigada Militar.

*Eu gosto muito do reconhecimento da comunidade, em especial, das crianças. Quando eu entro numa vila para prender um vagabundo, e tem uma criança lá dentro que vem e me abraça. Já aconteceu de uma criança me abraçar e dizer assim – “eu te amo”, e com o carrinho de polícia na mão. Isto, pra mim, é fenomenal, é muito bom, é muito bom! Quando eu passo e alguém diz: - “Olha ali é a Jeisa”. Agora a moda é a Jeisa da novela. “Olha aí a Jeisa. Olha ali, eu quero ser que nem ela”.*

*Tu tens um orgulho quando veste a farda. Tu podes estar cansado e acabado o dia inteiro. Mas, quando tu tá fardado, tu te lembra o porquê tu está ali. Daí tu te motiva. O estar fardado é motivador. Na verdade, eu tenho orgulho em fazer parte da corporação.*

Outro relato dos entrevistados é do quão prazeroso e recompensador é o sentimento de se sentir útil à sociedade e de poder perceber que conseguiram ajudar algumas pessoas, mesmo em situações que não são de suas atribuições profissionais. Na amostra, é quase que unânime a presença do desejo em poder ajudar os cidadãos. Em contrapartida, há o tão esperado reconhecimento da sociedade que se transforma na vivência do prazer.

*A sensação de poder ajudar alguém é muito boa! Alguns dias atrás nós, eu e alguns colegas, estávamos almoçando. Então, um rapaz veio nos avisar de que um senhor saiu do restaurante dirigindo bêbado. Então, nós fomos atrás. Já de longe, avistamos o senhor supostamente bêbado. Quando efetuamos a abordagem, eu pedi para ele descer do carro, logo percebi de que ele não estava bêbado e sim tendo um AVC. Entrei no do carro dele, e o levei ao*

*hospital. A viatura foi na frente abrindo caminho. O médico disse que se tivesse levado mais uns 15 a 20 minutos para o atendimento, ele teria falecido.*

*Eu gosto de poder auxiliar a população em geral. Se tiver algum problema, se estiver acontecendo algum crime. Eu gosto de poder prender o bandido e o agressor. Eu gosto de fazer o bem para a sociedade.*

*Se a gente puder fazer o bem o tempo todo, a gente faz. Se a gente puder ajudar o tempo todo, nós vamos ajudar. Uma vez, nós estávamos de serviço em frente ao restaurante, e tinha um senhor que estava passando mal. Ele tinha que ir até a clínica para pegar um exame e depois pegar o ônibus de volta para sua cidade. O que eu fiz na época, - eu chamei a viatura e levei ele até a clínica, ele não conseguia sair da viatura de tão cansado e mal que ele estava. Eu subi até lá na clínica e peguei os exames dele, depois o levamos para a rodoviária. Na rodoviária, eu o deixei com o fiscal da rodoviária. Conseguimos o telefone de um parente, e avisamos de que iríamos colocá-lo no ônibus. Isso foi uma situação bem normal, eu não fiz nada demais. Mas, depois passou uns 15 ou 20 dias, no mesmo local em que eu estava trabalhando, veio uma senhora me agradecer pelo o que eu havia feito. Sabe, eu achei aquilo tão lindo e emocionante.*

Também relataram do prazer em trabalhar em um ambiente dinâmico e gerador de adrenalina. Os policiais preferem, na sua maioria, trabalhar no policiamento ostensivo do que nos ambientes administrativos da Polícia Militar, justificando essa preferência por terem uma certa autonomia e, também, um contato maior e mais presente com a população. Além disto, na rua, eles conseguem exercer as principais atribuições do policial militar que é cuidar e proteger o cidadão e a sociedade como um todo, coibindo os atos ilícitos penais e as infrações e, por vezes, sendo reconhecidos pela população por suas ações, conseguindo assim, transformar o sofrimento em fonte de prazer.

*Eu gosto da rua, é mais dinâmico e tem adrenalina!*

*Eu sempre gostei da situação de bandido, polícia, prisão, correria e adrenalina. É muito bom!*

Nas entrevistas, o reconhecimento social aparece com mais ênfase do que o reconhecimento institucional. Talvez, a justificativa para isso é que em suas falas não aparece o sentimento de valorização e reconhecimento do trabalho por parte da instituição. Provavelmente, a maneira deles se sentirem valorizados é por meio do reconhecimento do cidadão que é beneficiado com a ação policial. Mesmo sendo poucos os reconhecimentos por parte da população ele é mais significativo do que aquele institucional.

Para Dejours (2003), o reconhecimento está associado ao sofrimento, ou seja, quando se reconhece o trabalho de alguém, se reconhece, também, as suas angústias,



dificuldades, decepções, medo e sofrimento. Nesta lógica, o sofrimento vivenciado não é em vão, pois ele pode ser transformado, por meio do reconhecimento, em fonte de prazer. O policial, ao ser reconhecido pela sociedade, pode experimentar um sentimento de alívio, prazer e motivação, dando sentido a sua relação para com o trabalho.

Outro fator gerador de sofrimento, muito presente na organização da Brigada Militar, é a invisibilidade das boas ações realizadas pelos policiais, remetendo a um sentimento de desvalorização tanto por parte do seu empregador, o Estado, como daqueles para quem eles trabalham, a sociedade. Conforme Dejours (2003), o reconhecimento do trabalhador se mostra decisivo em sua motivação para com o trabalho. Na ausência do reconhecimento, comum na profissão de policial militar, afeta a motivação laboral.

É importante ressaltar que de fato é incomum as pessoas perceberem as boas ações realizadas pelos policiais. Uma provável justificativa, conforme Anchieta et al. (2010), é que há ressentimento da população referente a profissão policial, consequência de uma atuação coercitiva originada no período de ditadura militar do Brasil. Contemporaneamente, existe uma linha forte de desmilitarização da polícia, que revoga todos os tipos de condutas pautadas em práticas truculentas.

Em contrapartida, conforme os entrevistados, qualquer prática errônea realizada pela Brigada Militar, ganha uma repercussão muito grande na mídia. Diante de um noticiário destes, muitas pessoas criticam veementemente o trabalho do policial. Para eles, é muito difícil e doloroso lidar com essa crítica ofensiva.

*Outra coisa que não acho legal, é que a comunidade está sempre ligada para pegar algo da BM e jogá-lo nas redes sociais.*

*Se as pessoas cumprissem as regras e as leis, não nos dariam trabalho. Não nos dando trabalho, a gente não agiria. Ponto, é bem simples! As pessoas não pensam que nós também temos família e que temos uma vida fora a farda!*

*Se tu levar um tiro e morrer, tu és nada! Tu vais ser para tua família, que vai fazer falta. Para a Brigada Militar, tu vais virar estatística. Para o estado, tu és um número. Morreu mais um policial, tombou mais um. Os mais de perto vão chorar. Os mais de longe vão ligar a sirene, um minuto de sirene e, acabou!*

É importante ressaltar que, conforme Ferreira (2012), a Brigada Militar do Rio Grande do Sul é a instituição policial que tem a menor remuneração do país. Nas amostras, aparece um conformismo, podendo ser considerado uma estratégia defensiva que os façam continuar na atuação, mesmo diante do baixo salário, muitas vezes, com a justificativa de que eles recebem mais do que um comerciante, sem considerar a exposição ao risco presente no trabalho policial. Apesar da fala

demonstrar que está tudo bem, é perceptível o sentimento de desvalorização e desmotivação que eles carregam consigo. Mas, há muita resistência em refletir e pensar sobre isso.

*É claro que eu podia ganhar mais. Mas, hoje em dia, se não vier parcelado, a gente já fica feliz.*

*Todo mundo fala que a gente ganha mal, a gente poderia ganhar melhor. Mas, a gente não ganha mal, a gente não ganha tão mal assim como o pessoal do comércio. Eles ganham muito menos.*

*Não que é o nosso salário seja ruim, mais hoje nós estamos no dia 05, e nós recebemos apenas R\$ 350,00.*

Conforme Minayo, Souza e Constantino (2015), é importante compreender de que imagem do policial está fortemente associada aos problemas políticos de segurança pública. Contemporaneamente, há um declínio do poder do Estado para a resolução de problemas de ordens sociais. Com o aumento da violência e insegurança social, a população tem a percepção de que isso é reflexo da má atuação exercida pelo policial. Tal percepção, contribui para que a imagem destes profissionais se torne ainda mais negativa, afetando assim, o reconhecimento e valorização desta função.

#### **4.3.1 Espaço para sofrimento?**

É importante ressaltar que, desde 2016, existe o serviço de psicologia disponibilizado aos servidores e seus familiares de primeiro grau de toda a região do Vale do Rio Pardo. Mas, por ser um serviço novo e com apenas três estagiárias de psicologia, é bastante restrito, sendo que somente alguns conseguem ter acesso. Ainda é importante sinalizar que este serviço tem um caráter essencialmente individual, não havendo espaço para a exposição de problemáticas de modo coletivo e voltado para as questões de trabalho. O que aparece nas amostras, é que eles não costumam verbalizar, nem mesmo com os colegas mais próximos, as ocorrências vivenciadas no trabalho.

*Não compartilhamos as dificuldades com os colegas. Eu acho que isso a gente guarda pra si. O meu ponto de escape é o Muay thai. Lá eu ligo tudo o que tiver para largar, eu ligo lá.*

*Após uma ocorrência violenta a gente vai para casa. Até pouco tempo atrás, a gente não tinha essa assistência psicológica. Muita gente aqui da BM, está de atestado, com problemas psicológicos, fazendo tratamento para depressão*

Tal realidade se mostra muito distante da abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, que é a de possibilitar ao trabalhador um espaço em que ele possa verbalizar e refletir sobre a sua relação para com o trabalho, ou seja, possibilitar um olhar e uma reflexão para dentro de si e para o que acontece ao seu redor. Dejours (1993), por meio de sua teoria propõem um espaço de escuta coletiva, em que os trabalhadores poderão expressar os seus sofrimentos na ordem singular, mas com a ideia de buscar soluções com o grupo. No entanto, o máximo que aparece nas amostras sobre a verbalização, é que quando eles passam por uma situação muito violenta, alguns deles, conversam entre si sobre o ocorrido, mas somente como uma maneira de trocar informações e não como um momento de reflexão.

Nas amostras também aparece que eles têm a percepção de que é necessário “esquecer” as vivências violentas enfrentadas no cotidiano profissional, mesmo aquelas que eles não têm “estômago” para lidar, ou seja, há uma conformidade em não ter um espaço de escuta e verbalização. Talvez, com a mesma ideia do senso comum de que o policial não tem sentimentos. Porém, diante das dificuldades em lidar com algumas situações, provavelmente, surgem sentimentos de incompetência e fragilidade, uma vez que há a concepção de que é incoerente o policial sofrer e se afetar com o seu trabalho.

*Tu pega uma ocorrência que tem bastante violência, só que as vezes o cara não tem esse preparo, não digo nem preparo, as vezes ele não tem estômago para engolir seco aquilo dali. Mas, tu vais precisar chegar em casa, colocar a cabeça no travesseiro, e no outro dia acordar como se aquilo não estivesse acontecido.*

Enquanto que parece existir uma conformidade e normalidade pelo fato de não terem um espaço de escuta, existe, também, um reconhecimento quanto a importância do trabalho da psicologia oferecido aos servidores, bem como seguem nas falas abaixo.

*Eu posso pegar uma amiga ou colega e desabafar. Mas, isso é uma coisa pessoal de cada um. Cada um procura o seu recurso. Eu acho que essa questão que foi criada aqui, em nosso comando regional, que foi esse setor de Psicologia, que vocês trabalham, isso aqui foi excepcional. Na verdade, nós já precisávamos deste serviço há muitos anos. Eu acho que o trabalho que vocês estão fazendo é excelente, pois a gente nunca teve a oportunidade de ter uma atenção especial. Tu sabes que o único comando regional em ter essa atividade da psicologia é o nosso. Que bom se todos pudessem ter essa oportunidade.*

Conforme Amador et al. (2002), são necessárias iniciativas que propiciem ações promotoras e preventivas em saúde mental dos policiais da Brigada Militar, destacando

programas, a exemplo da Psicodinâmica do Trabalho, que promovam a circulação da palavra dos trabalhadores no contexto laboral. Diante da caracterização desta profissão descrita no presente trabalho, é inegável a afirmativa de que esta é uma das profissões mais suscetíveis a ser acometidas por doenças mentais. Tal afirmativa corrobora com a ideia dos autores Amador et al. (2002), que destaca a importância de considerar os policiais como trabalhadores que sofrem e adoecem com os impactos do trabalho. Por tudo isso, é fundamental pensar e refletir em programas e espaços que possam promover a promoção de saúde psíquica daqueles responsáveis em garantir a segurança pública.

## 4.4 Eixo III - Estratégias

Ser policial envolve uma rotina laboral marcada por situações de estresse, pressão, violência, sofrimento, adoecimento e risco de vida constante. Para lidar e sobreviver a isso, os policiais necessitam utilizar estratégias defensivas que os fazem resistir ao risco, por vezes, por meio de uma negação da percepção de realidade.

Conforme Dejours (1993), as estratégias defensivas coletivas operam resultando numa percepção irrealista da realidade, ou seja, é a maneira que o coletivo encontra para se manter atuante na profissão, suportando assim, o sofrimento. O autor complementa, ainda, que as estratégias defensivas têm um papel fundamental na estruturação, coesão e estabilização do grupo e, também, do trabalho, garantindo assim, a produtividade. Além das estratégias defensivas coletivas, existem as individuais que também atuam no sentido de proteger a saúde mental dos trabalhadores ao mesmo tempo que os tornam alienados da sua realidade de trabalho.

### 4.4.1 Insensibilidade

Nas amostras, o primeiro processo que o policial sofre é a perda de sensibilidade, que o permite passar por inúmeras situações de violência sem deixar se afetar, sem pensar e refletir sobre o ocorrido, sem carregar consigo o sentimento de culpa por conta de uma abordagem truculenta desnecessária. Por meio desta estratégia defensiva, eles conseguem se manter ativos diante deste sistema com tantas configurações de violência.

*No profissional é assim, no máximo tu fica com um pouco de culpa. "Ah, ratiei, não precisava ter feito assim, não precisava ter sido tão agressiva, podia ter esperado um pouco mais". Mas é bem rápido, não tem muito sentimento e emoção envolvido.*

*Hoje eu não me choco mais com morte e nem com mortos. Já vi de tudo, durante esses anos de BM, mortes com faca, com tiro e suicídio.*

*Até certo ponto tranquilo presenciar colegas batendo em bandidos, não que a pessoa mereça, não é isso! Mas, depende muito da situação. Às vezes, a pessoa era agressiva e tu precisava contê-la. Às vezes, se faz necessário usar a força.*

Embora, com o decorrer dos anos de profissão, os policiais se tornem mais insensíveis diante de atos violentos e assassinatos, por conta de estratégias defensivas, tal situação não se efetiva nas ocorrências envolvendo crianças. A

justificativa está associada a dois fatores, como seguem abaixo.

O primeiro por conta da grande maioria dos entrevistados serem pais. Neste papel, existe uma identificação e empatia com crianças que estão passando por algum sofrimento, como se aquela situação pudesse estar acontecendo com seu filho. A segunda justificativa se dá pelo fato de os policiais enxergarem a criança como um ser puro, imaculado e do bem, ou seja, um ser oposto ao mal associado ao “bandido” e “vagabundo” como eles costumam nomear a pessoa que comete delitos. Conforme Costa (2010), esta imagem que se têm das crianças é decorrente da construção social do século XVIII.

No entanto, existe uma pesquisa realizada com policiais militares de Porto Alegre, que demonstra a existência de preconceitos, por parte de alguns policiais, referente as crianças em situação de rua, nomeadas de “crianças de rua”. De acordo com Santos et al. (2006), a forma de atuação policial demonstrará se a abordagem é de risco ou proteção em relação a essa categoria. Entretanto, é importante ressaltar que nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, não houve nenhuma demonstração de preconceitos para com esta faixa etária, até porque, os relatos não são relacionados a ocorrências com crianças em conflito com a lei.

*A gente chega lá e tem um guri de 16 anos estendido no chão com 10 tiros no corpo. Mas, isso aí, já não me afeta tanto assim. O que me afeta, é quando envolve crianças pequenas. Aí é complicado!*

*Hoje, eu não vou mais dar aquela chorada na viatura como antigamente. Vou atender mais firme o negócio. Mas quando envolve criança a gente sente mais.*

*Eu já fiquei abalado psicologicamente. Lembro que logo que me formei na BM, a gente foi numa ocorrência de briga de casal, da Lei Maria da Penha. Daí a mulher teve que ir ao hospital e a gente tinha que levar o marido para a delegacia. Só que não tinha com quem deixar a criançinha de 4 ou 5 meses. Daí tivemos que trazer a criançinha junto com ele. Era uma família bem pobre, sabe! E eu fiquei chocado por causa da criança, porque eu vi que ela não tinha muito futuro. Então, o pai levou a mamadeira para dar pra criança, colocou só dois dedos de leite e o resto completou com água. Este tipo de situação, quando tem criança envolvida que incomoda um pouco. Mas, outras situações assassinato ou encontrar um corpo, isso não me choca mais, já estou acostumado.*

*Teve uma situação que me afetou bastante. Nesta eu estava trabalhando em frente uma escola. Todas as crianças foram embora e apenas uma ficou. Ela deveria ter uns 5 aninhos. Eu perguntei onde ela morava, e ela me disse o lugar, então a levei com a viatura para casa e entregamos aos pais. Os pais ficaram apavorados, pois a tia sempre a buscava na escola. A gente entregou a criança e fomos embora. Depois de umas três quadras da casa, nos ligaram, e mandaram voltarmos para a casa daquela criança. Fomos lá, a tia estava morta dentro de casa, a facada! Pensa, aí tu chega no local e as pessoas estão desesperadas, chorando, gritando, querendo colocar a mão no corpo. O ambiente todo ensanguentado, tinha sangue por todas as paredes. E a criança*

*ali, presenciando toda aquela cena horrível. E tu tá ali, com a criancinha no meio daquele desespero. Isso te comove.*

De acordo com Escóssia (2016), o primeiro processo que o policial sofre, ao ingressar a carreira militar, é a perda de sensibilidade, gerado pela naturalização da violência que faz parte do cotidiano profissional. Tal estratégia defensiva, os permitem seguirem a função de policial sem se deixar “afetar” por meio da percepção de que a violência é algo natural na sociedade e, sobretudo, na profissão de policial. Diante disto, surgem inúmeros casos divulgados na mídia envolvendo abordagens truculentas e autoritárias por parte do policial.

Para Mascarenhas e Zanolla (2014), a população, de uma certa forma, também contribui para que o policial naturalize os processos de violência, isso nas situações em que exige uma atuação mais abusiva por parte dos profissionais. Paradoxalmente, também há casos de exigências para uma atuação mais humanizada. No entanto, é necessário repensar políticas que possibilitem ao policial uma estrutura e condições para que aja atuação mais humanizada.

#### **4.4.2 Embrutecimento**

Outra estratégia defensiva muito presente nos policiais é a incapacidade empática para com os transgressores, ou seja, não há possibilidade do policial se subjetivar naquele que representa o mal para a sociedade. Diante de tal pensamento, é justificável os atos truculentos, por vezes, utilizados contra pessoas que representam este mal. Caso contrário, não conseguiriam cumprir a missão de preservação da ordem pública, bem como o Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1998), rege em seu artigo 2º “A Brigada Militar, instituída para a preservação da ordem pública no Estado” (RIO GRANDE DO SUL, 1998).

Nas amostras aparecem dois aspectos relevantes sobre a percepção do policial em relação as pessoas. O primeiro é referente ao olhar pueril de dualidade quem eles têm, separando as pessoas como as do “bem”, representadas pelo cidadão, e as do “mal”, representadas pelos bandidos. O outro é sobre a diferenciação de abordagens realizadas conforme a localidade ou bairro no qual o sujeito vive. Com isto, é perceptível há existência de preconceito nas abordagens policiais, caracterizando assim, o estereotipo de violência. Tal situação, contribui para uma delimitação dos locais, grupos e pessoas que representam o mal, conseqüentemente, essas sofrem a exclusão social.

*Eu sei lidar tanto com a pessoa de bem, como com o bandido. Eu consigo distinguir bem, não sou igual para todo mundo. Sou bem maleável nesta situação. Por exemplo, se eu estou aqui no centro, eu sei que aqui no centro eu não preciso, digamos assim, abordar com muita veemência, claro que eu vou abordar com segurança, mas não com muita veemência. Diferente de um bairro perigoso, pois lá eu tenho que ficar bem mais atento que na área central.*

*Tu consegues discernir se é um trabalhador. Às vezes tu tá em um local mais conflagrado. Então, o policial vai chegar mais firme, porque hoje é criança traficando, é mulher traficando, não tem idade, não tem sexo.*

*O serviço de polícia ostensiva é repressão, repressão da parte errada da sociedade, não dá parte correta. Mas, até isso, hoje em dia tu escuta: - "Não a BM não pode ser ligada a repressão. Como assim?" Quem tem que andar com medo e de cabeça baixa na rua é o delinquente e não o cidadão de bem.*

*Nós varremos o lixo da rua!*

Outro pensamento interessante que apareceu na análise é que quando eles se aproximam de uma atitude empática, em que se permitem perceber de que o "bandido", também é um ser humano, logo surgem as estratégias defensivas que os fazem mudar de pensamento. Em seguida fazem, uso da força e autoridade policial para com aqueles que representam o "mal".

*É complicado uma abordagem mais violenta, porque querendo ou não querendo, é bandido, é! Mas, é uma pessoa, é uma vida! É engraçado tu pensar neste sentido, porque daqui a pouco eu possa proteger alguém, e virar as costas e ele me bater ou atirar em mim. Então, são situações assim bem ruins, as vezes ou tu faz ou tu leva. É complicado isso!"*

Conforme Dejours (2003), a perversão e a violência praticada a outrem são justificadas pelos discursos ideológicos. Nesta linha de pensamento, o uso da violência pelo policial, por vezes, pode ser justificado e reconhecido como necessário para "eliminar" o mal da sociedade. Os policiais, neste sentido, podem vivenciar, por meio desta prática, uma atividade sublimatória, direcionando a agressividade nas situações que são socialmente "aceitas" no contexto policial.

De acordo com Lins (2017), o policial tem a percepção de que o seu verdadeiro trabalho consiste no confronto com o "bandido", ou seja, no enfrentamento àquele que representa o mal para a sociedade. Tal percepção, muito comum nos policiais, reforça a necessidade de uma ação mais impositiva e violenta.



### 4.4.3 Alienação

Outra estratégia utilizada pelos policiais é a diminuição da capacidade em enxergar, pensar e refletir sobre o seu contexto profissional marcado por violência, sofrimento e risco constante de vida. Nesta estratégia, o sofrimento é negado como um instrumento para aumentar a produtividade, ou seja, uma alienação ao sistema policial. De acordo com Dejours (1993), as estratégias defensivas podem ser utilizadas pela organização do trabalho em proveito a produtividade, ou seja, o policial que não se dá conta do risco da profissão e de seu contexto laboral, tende a trabalhar com mais dedicação e bravura. O relato abaixo é de um policial com 32 anos de Brigada Militar, evidenciando a alienação ao trabalho.

*Eu não lembro de nenhum fato ou uma abordagem que tenha me marcado. Tudo normal, não tem nada de anormal que eu me recorde.*

*Sabe que eu nunca pensei na hipótese de sair e não voltar mais para casa. Eu sabia que a gente ia enfrentar o perigo. Isso é normal. E olha, eu participei de muito tiroteio, eu trabalhava em um grupo de operações especiais, e nas bocas piores que a gente diz, eu participei de busca de traficantes, de tiroteios. Mas, eu nunca pensei: - “bah será que eu vou voltar”.*

Conforme Dejours (2003), a alienação ocorre em locais onde as relações sociais são principalmente permeadas por relações de dominação, característica inerente da instituição policial que é gerenciada por políticas hierárquicas de modelo militarista. Mas, até mesmo nestes lugares, conforme o autor, é possível que o trabalhador possa se realizar e se desenvolver por meio da psicodinâmica do reconhecimento, ou seja, do ato de ser reconhecido por suas contribuições. Para Dejours (2003, p.141), o trabalho

*[...] é uma fonte inesgotável de paradoxos. Incontestavelmente, ele dá origem a terríveis processo de alienação, mas pode ser também um possante instrumento a serviço da emancipação, bem como do aprendizado e da experimentação da solidariedade e da democracia.*

O sentimento de medo é o que faz o trabalho se inclinar para o bem ou para o mal. Dejours (2003) explica que este medo é aquele que se apresenta na própria atividade laboral. Como por exemplo, nos relatos citados acima. No primeiro relato, o policial diz não lembrar de nenhuma situação que o tenha marcado, mesmo convivendo cotidianamente com a violência e o risco de vida. Já, no segundo relato, o policial diz que nunca havia pensado no risco de não voltar para casa, no risco de perder a vida, até mesmo nas situações em que participava de tiroteios.

Provavelmente, esta ausência de percepção de medo e do risco real do trabalho contribui para que eles permaneçam na função de policial, enfrentando todos os tipos de ações e abordagens. Talvez, esta seja uma das explicações quanto ao aumento de mortes de policiais no país. De acordo com reportagem divulgada no dia 26 de novembro de 2017, no Portal de notícias G1, 437 policiais civis e militares foram mortos no país em confrontos ou fora do serviço, um aumento de 17% em relação ao ano anterior (G1 GLOBO/FANTÁSTICO, 2017).

#### 4.4.4 “Superpoderes”

Esta alienação ao risco de vida, também contribui para que os policiais apresentem comportamentos como se tivessem “superpoderes”, especialmente, quando estão diante de uma ação policial. Nestes momentos, se sentem motivados impulsivamente para enfrentar o perigo sem pensar nos riscos existentes, colocando sua vida em sacrifício à profissão e honrando a instituição policial. Muito provável, conforme Amador et al. (2002), que isso é proveniente de um discurso da própria instituição policial que instiga a existência destes “superpoderes” na classe de trabalhadores, uma espécie de estratégia defensiva para se manterem “guerreiros” e produtivos à instituição.

Conforme Dejours (2003), as demonstrações de medo estão associadas a fraqueza e covardia. Então, para combatê-las, surge a virilidade que promete prestígio e sedução àqueles que enfrentam a adversidade. O autor ressalta que há diferença entre coragem e virilidade. A primeira é conquistada individualmente e discretamente sem a necessidade de reconhecimento. Já, a segunda, está associada exclusivamente ao mérito de validação do outro. Certamente, este imaginário de superpoderes os mantém ativos na profissão e os faz preservar a identidade de viril. Isso fica evidente na fala do entrevistado abaixo, que demonstra cuidado somente para não perder a ocorrência e não em preocupação com a sua saúde segurança.

*O cuidado a gente tem para não causar um acidente e acabar perdendo a ocorrência em função disso. Mas, se tiver em cima do cara e tiver que prender fogo, paciência e azar é dele. Se tem de tomar tiro, é da profissão.*

Dejours (2003) caracteriza o homem verdadeiramente viril como aquele que não hesita em infligir o sofrimento do outro, no caso, o dominado. Esta relação se dá em nome do trabalho e do domínio do poder sobre o outro. As relações da instituição

policial, como já mencionado, são permeadas por relações de poder, o policial na atividade de rua, diante do “bandido”, é o poder, o dominador. Este fator aparece de modo oposto na posição exercida dentro da instituição. Tal sentimento, os coloca na obrigação de enfrentar o risco para deter os transgressores, o que fica evidente na fala do entrevistado acima.

Por tudo apresentado, é evidente que os policiais lidam com os sofrimentos inerentes ao trabalho, fazendo o uso de estratégias defensivas que tem como objetivo resistir aos efeitos desestabilizadores. Estas defesas, muitas vezes, se apresentam na ordem de alienação, isso porque os trabalhadores não atuam na modificação da realidade daquilo que os fazem sofrer. Esta postura mais retraída é decorrente de uma instituição rígida em que não possibilita espaço de compartilhamento do sofrimento, verbalização e da reflexão sobre o trabalho. Tal realidade contribui para possíveis processos de adoecimento. Mas, mesmo assim, também fazem uso de possíveis estratégias defensivas que desempenham a manutenção da saúde, por meio da minimização da percepção sobre o sofrimento.

De acordo com Amador et al. (2002), existem entraves na Instituição policial da Brigada Militar, que dificultam o desenvolvimento de ações visando à saúde do trabalhador na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. Tais dificuldades estão associadas as estratégias defensivas construídas pelos policiais, que buscam “mascarar” o sofrimento. Porém, para enfrentá-lo, é necessário aceitá-lo, sendo que esta aceitação somente se concretizará por meio da expressão das fragilidades. Caso contrário, favorece ao processo de alienação. Além disto, os autores destacam outro dificultador, que está presente no discurso viril do policial e, também, no seu imaginário de “superpoderes”. Estas estratégias defensivas, presentes no cotidiano policial, inviabilizam o reconhecimento das dificuldades existentes nesta profissão impossibilitando assim a mobilização que viabilize mudanças na organização do trabalho.

#### **4.5 Eixo IV - Um espaço de reflexão sobre o trabalho policial**

O policial militar, por tudo já apresentado, é caracterizado por pertencer a uma das profissões mais rígidas, estressantes e que vivência, constantemente, uma rotina laboral conturbada e violenta. O nível de cobrança desta profissão é tão excessivo, que

para ingressá-la é necessário ser aprovado por exames físicos e psicológico, ou seja, o aspirante deverá apresentar-se apto e saudável para o desempenho da profissão.

O processo seletivo ocorre por meio de concurso público. Para a função de soldado, a mais baixa na escala hierárquica, é exigido que o candidato seja brasileiro; ter entre 18 e 25 anos; não ter condenação criminal com pena privativa de liberdade ou qualquer condenação incompatível com a função policial; apresentar a altura mínima de 1,65 (homens) e 1,60 (mulheres); ter aptidão psicológica, sanidade física e mental compatíveis com a função; possuir o Ensino Médio completo; não possuir incapacidade física definitiva. Portanto, é necessário que seja aprovado em todos os exames do processo seletivo, como: aptidões intelectuais, psicológicas, físicas, de saúde, sociais e documentais (RIO GRANDE DO SUL, 2017).

Paradoxalmente, o policial se depara em sua trajetória laboral pelo descaso à sua saúde mental, uma vez que não há um programa de acompanhamento psicológico ou mesmo um espaço onde eles possam verbalizar e refletir sobre a prática e vivência profissional. É como se eles estivessem impossibilitados a sofrer e adoecer. Conforme Gaulejac (2007), atualmente há uma nova política organizacional pautada em uma gestão mais humana dos recursos, em que possibilita projetos abordando as relações de saúde mental e trabalho, favorecendo assim, o bem-estar dos trabalhadores e as satisfações das necessidades individuais e coletivas.

No contexto da Brigada Militar, é de suma importância pensar em programas que possibilitem a prevenção da saúde mental dos trabalhadores. De acordo com Gómez et al. (2016), é na clínica do trabalho que os trabalhadores conseguirão criar estratégias eficazes para lidarem com situações laborais que provocam sofrimento. Isto ocorre por meio da fala e da escuta, ou seja, da verbalização e reflexão do sofrimento originado na própria organização do trabalho. Neste espaço, conforme os autores, os trabalhadores poderão expressar seus sentimentos e percepções em relação aos seus pares, superiores, tarefas, resultados; enfim, a tudo que é relacionado ao trabalho.

Para isso, busca-se, conforme os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, oportunizar um espaço em que permita o trabalhador colocar a palavra em ação. Esta ação ocorre no ato da linguagem, isso porque a fala exige eficiência quando passa pelo processo de elaboração-perlaboração coletiva, possibilitando assim, a passagem da discussão de um problema para a passagem da busca de solução (GOMEZ et al., 2016)

Esta passagem pode ser entendida por meio dos conceitos elaborados por Freud (2006), Recordar, Repetir e Elaborar. Conforme o criador da Psicanálise, a elaboração-perlaboração é uma atividade bastante difícil e complexa por conta da resistência, mas é a que consegue efetuar as maiores mudanças no paciente. Em outras palavras, ao se superar a resistência, liberta-se de mecanismos repetitivos.

Por tudo isso, é de suma importância que os policiais tenham um espaço coletivo que seja possível a prática da verbalização, conforme a Psicodinâmica do Trabalho. No entanto, neste momento, para muitos dos entrevistados, este foi o primeiro espaço de escuta e reflexão acerca de suas questões profissionais e subjetivas que impactam no trabalho e na vida como um todo.

*Estou pensando agora no poder em que nós policiais temos na hora em que acontece um incidente, podemos dar a sentença capital que é tirar a vida de alguma pessoa, que juiz nenhum tem esse poder. Claro que o juiz vai julgar esse ato depois, mas ele não tem essa sentença capital. Lidar com isso, tem que ter muito cuidado, porque qualquer ação que tu faz, pode criar uma repercussão muito grande.*

*Eu acho que a gente deveria ter isso mais vezes, de podemos conversarmos sobre as nossas questões. Acho que seria interessante a gente ter a possibilidade de trabalho em grupo. Eu só vejo os meus colegas durante o serviço. Uma única vez por mês, a gente faz um futebol com churrasco, que daí a gente se une para falar das ocorrências. Os brigadianos só falam de ocorrências, não se juntam para falar de outra coisa, só das ocorrências. Mas, dentro do meu grupo de trabalho a gente não fala sobre a nossa prática profissional. Isso seria muito interessante.*

*Eu gostei muito desta pergunta que tu fizeste. “Como tu achas que a sociedade te enxerga? ”. Esta pergunta eu achei a mais pertinente de todas, porque com ela a gente pode pensar sobre o nosso trabalho e a forma como nós estamos atuando. Pensar nisso, influencia muito a forma como nós estamos trabalhando. Se estamos motivados ou desmotivados. Se eu faço um bom trabalho ou se eu sou um contracheque desperdiçado na BM. Esta pergunta me fez pensar uma série de coisas, que eu nunca havia parado para pensar.*

*Eu acho que o trabalho que vocês da psicologia estão fazendo é excelente, pois a gente nunca teve a oportunidade de ter uma atenção especial. Tu sabes que o único comando regional que tem essa atividade da psicologia é o nosso. Que bom se todos pudessem ter essa oportunidade.*

Os comentários e reflexões verbalizados por alguns policiais entrevistados, na presente pesquisa, corroboram de que não há uma política que vislumbre a manutenção e a promoção da saúde mental destes profissionais, ou seja, não há um espaço consolidado onde eles possam falar, refletir e elaborar suas questões. Na amostra, aparecem algumas reflexões sobre assuntos que fazem parte do cotidiano profissional, mas que nunca haviam sido pensadas anteriormente. Como por exemplo, no primeiro relato do entrevistado com 11 anos de Brigada Militar, que se deu conta

durante a entrevista da grande responsabilidade da profissão perante uma ação policial.

Tais reflexões demonstram a importância de espaços em que possibilitem a escuta, verbalização, reflexão e consciência dos policiais, pois, somente desta maneira, eles conseguirão realizar modificações que promovam a qualidade de vida e, conseqüentemente, a realização profissional, o prazer e a saúde.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal analisar e compreender a dinâmica das relações dos policiais da Brigada Militar de um Município do Vale do Rio Pardo para com a organização do trabalho, identificando os possíveis processos de saúde e adoecimento decorrentes desta relação. A partir disto, foram definidos como objetivos específicos identificar o prazer e sofrimento presente no contexto laboral dos policiais militares, analisar as estratégias defensivas utilizadas para o enfrentamento de situações conflituosas e estressoras e, sobretudo, avaliar os impactos do sofrimento do trabalho na saúde dos trabalhadores.

Por meio da pesquisa realizada com oito policiais da Brigada Militar, articulada com as teorias norteadoras deste trabalho, especialmente, os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, foi possível identificar considerações pertinentes que possibilitem perceber as relações existentes que permeiam a vida do policial militar juntamente a sua prática laboral. Além disto, também produziu reflexões que vislumbrassem ações voltadas à saúde do trabalhador.

Nestas considerações finais buscou-se seguir a lógica que permeou a presente pesquisa, destacando os quatro eixos que a constituíram: *Organização do trabalho do Policial da Brigada Militar*, *Prazer e Sofrimento no Trabalho*; *Estratégias*, e por último; *Um Espaço de Reflexão sobre o Trabalho Policial*. Nesta lógica, nas considerações finais, são destacadas as principais constatações que foram feitas ao longo deste estudo.

O primeiro ponto identificado na pesquisa é sobre o modelo de gestão seguido pela Brigada Militar, caracterizado pela rigidez hierarquia, a verticalização de gestão e disciplina militarista, que impossibilita a participação do policial por meio de ideias e tomadas de decisão, destoante da tendência atual de horizontalização da gestão nas organizações do trabalho. Tal modelo seguido pela instituição policial, é causador de sofrimento mental e possíveis processos de adoecimento, uma vez que não há um espaço para o trabalhador negociar com a organização do trabalho, bem como torná-lo congruente ao seu desejo. Diante disto, é pertinente repensar a transformação da organização policial para um modelo mais flexível e plural.

Outro ponto identificado, é referente ao sentimento de frustração dos policiais, proveniente pela falta de reconhecimento e valorização profissional pela população e, especialmente, dos superiores. A ausência deste reconhecimento afeta e compromete

a sua motivação laboral e, sobretudo, aos aspectos associados à saúde mental. Por isso, é relevante refletir políticas que possibilitem o reconhecimento desta classe de trabalhadores.

Também foi possível identificar a utilização de estratégias defensivas, construídas pelos trabalhadores, que impossibilitem a expressão e reconhecimento do sofrimento, favorecendo assim, a alienação e o desenvolvimento de patologias. Esta é a maneira que estes profissionais encontraram para se manter atuante na profissão, suportando assim, o sofrimento. Conforme os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, para que seja possível ressignificar o sofrimento no trabalho é necessário refletir sobre a possibilidade de haver um espaço coletivo de compartilhamento daquilo que faz sofrer, por meio da verbalização e reflexão acerca do trabalho.

Então, para que estas estratégias defensivas desempenhem a manutenção da saúde, conforme os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, é necessário refletir sobre estratégias que possibilitem um espaço coletivo de compartilhamento do sofrimento dos trabalhadores, por meio da verbalização e reflexão acerca do trabalho.

E por último, também foi possível identificar a falta de apoio psicológico para os policiais. É importante ressaltar que há dois anos existe o serviço de psicologia, disponibilizado aos servidores e seus familiares de primeiro grau, porém, é de caráter essencialmente individual, não havendo espaço para a exposição de problemáticas de modo coletivo e voltado para as questões de trabalho.

Mas, mesmo havendo uma grande demanda por parte dos policiais, quanto a necessidade de acompanhamento psicológico e, sobretudo, o serviço conseguindo possibilitar, de modo individual, o enfrentamento das dificuldades pessoais e elaboração do sofrimento, não houve a renovação do convênio de estágio que estava sendo realizado nos últimos anos. Tal situação demonstra a ilegitimidade de um programa que tenha a função de promover a prevenção e a promoção da saúde dos trabalhadores, tão importante no contexto laboral policial.

Enfim, por meio desta investigação, pode-se dizer que os objetivos da presente pesquisa foram satisfatoriamente atendidos. A partir das análises deste trabalho, recomenda-se que a Brigada Militar busque desenvolver políticas e estratégias que viabilizem ações preventivas e promotoras de saúde mental dos policiais. Estes cuidados certamente repercutirão positivamente no ambiente de trabalho e, sobretudo, na sociedade como um todo, uma vez que o policial externaliza, por meio de suas ações laborais, a sua relação para com a organização do trabalho. Neste sentido, um



dos grandes desafios da Brigada Militar será criar um ambiente e uma cultura que valorize o trabalhador, sua saúde e subjetividade.

## REFERÊNCIAS

AMADOR, F. S. et al. Por um programa preventivo em saúde mental do trabalhador na brigada militar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, setembro de 2002. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932002000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000300009)>. Acesso em: 03 set. 2017.

ANCHIETA, V. C. C. et al. Trabalho e Riscos de Adoecimento: um estudo entre Policiais Civis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, abr./jun., 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722011000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000200007)>. Acesso em: 04 set. 2017.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 04 out. 2017.

CASTRO, M. C. D.; CRUZ, R. M. Prevalência de Transtornos e Percepção de Suporte Familiar em Policiais Civis. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, abr./jun., 2015. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932015000200271](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932015000200271)>. Acesso em: 04 out. 2017.

COSTA. Teresinha. *Psicanálise com crianças*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DEJOURS, Christophe. *A Banalização da Injustiça Social*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

\_\_\_\_\_. *A loucura do trabalho: Estudo de Psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Fator Humano*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise de Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. *Pesquisa em Ciências Sociais aplicada: Método e Técnica*. São Paulo: Pearson, 2004.

FÁBIO, André Cabette. *Estresse, tabu e hierarquia: por que os policiais se matam*. (2016). Disponível em:

<[file:///D:/C%3C%8DNTIA/Psicologia/Aulas%20de%20Psicologia/2017/TC/TC%20Cintia/TC%20FINAL/ARTIGOS/Estresse,%20tabu%20e%20hierarquia\\_%20por%20que%20os%20policiais%20se%20matam%20-%20Nexo%20Jornal.html](file:///D:/C%3C%8DNTIA/Psicologia/Aulas%20de%20Psicologia/2017/TC/TC%20Cintia/TC%20FINAL/ARTIGOS/Estresse,%20tabu%20e%20hierarquia_%20por%20que%20os%20policiais%20se%20matam%20-%20Nexo%20Jornal.html)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

FERREIRA, Danilo. *Abordagem policial*. Tabela: Salário x Custo de Vida das Polícias

Militares Brasileiras. (2012). Disponibilizado em:  
<<http://abordagempolicial.com/2012/06/tabela-salario-x-custo-de-vida-das-policias-militares-brasileiras/>> Acesso em: 24 nov. 2017.

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAULEJAC, Vicente de. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

GÓMEZ, V. A. et al. A palavra como laço social na clínica da Psicodinâmica do Trabalho. Universidade Federal do Maranhão, São Luís (MA), *Contextos Clínicos*, v. 9, n. 2, jul/dez., 2016. Disponível em: <[file:///D:/Samsung/Downloads/11039-46224-1-PB%20\(2\).pdf](file:///D:/Samsung/Downloads/11039-46224-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

G1 GLOBO/FANTÁSTICO. *Saiba em que estados a polícia mais morre e em quais mais mata no Brasil*. Edição do dia 29 de outubro de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/10/saiba-em-que-estados-policia-mais-morre-e-em-quais-mais-mata-no-brasil.html>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

MACHADO, C. E.; TRAESEL, E. S.; MERLO, Á. R. C. Profissionais da Brigada Militar: Vivências do Cotidiano e Subjetividade. *Psicologia Argumento*, Santa Maria – RS, abr./jun, p. 238-257, 2015. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA/pdf/?dd1=16143>>. Acesso em: 04 out. 2017.

MASCARENHAS, A. C.; ZANOLLA, S. R. S. *Perigo: a naturalização da violência*. (2014). Disponível em <<https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/PerigoVIOL%C3%8ANCIA.pdf?1395060086>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P. *Missão, prevenir e proteger: condições de vida e trabalho dos policiais militares do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Segurança Pública Brigada Militar/Departamento Administrativo. *Concurso Público para o cargo de Militar Estadual*. PROA nº 17/1203-0001689-5. Edital DA/DRESA, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B1JIBJ1rkmcUN2N3WFhMNEdESkU/view>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. *Estatuto dos Servidores Militares da Brigada Militar do Estado do Rio Grande Do Sul*. Porto Alegre: Edição GORAG Assessoria de Publicações Técnicas, 1998. Disponível em: <[http://arquivonoticias.ssp.rs.gov.br/edtlejis/1108054289Estatuto\\_servidoresBM.pdf](http://arquivonoticias.ssp.rs.gov.br/edtlejis/1108054289Estatuto_servidoresBM.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2017.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Mecanismos para Validação dos Resultados*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

**APÊNDICE A - Carta de Aceite**

Santa Cruz do Sul, 09 de junho de 2017.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, CEP-UNISC)

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado: "ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A PRODUÇÃO DE SAÚDE/ADOCIMENTO DOS POLICIAIS DA BRIGADA MILITAR DE UM MUNICÍPIO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO - RS", desenvolvido pelo(a) acadêmico(a) Cíntia Maria Rech Eisenberger do Curso de Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação do(a) professor(a) Karine Vanessa Perez, bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa e autorizamos o desenvolvimento no(a) Formação Sanitária Regimental da Brigada Militar do Vale do Rio Pardo, na clínica da Brigada Militar de Santa Cruz do Sul.

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

Atenciosamente,

Marília Ertel Vitola  
Cap. QOES Médica  
CREMERS/28248  
Id. 9689412

Assinatura e carimbo (ou dados funcionais) do responsável institucional (legíveis)

## APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Curso de Psicologia

### **ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A PRODUÇÃO DE SAÚDE/SOFRIMENTOS DOS POLICIAIS DA BRIGADA MILITAR DE UM MUNICÍPIO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDE – RS.**

Nome Fictício: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade/Formação: \_\_\_\_\_

Função profissional: \_\_\_\_\_

Tempo em que trabalha na Brigada Militar: \_\_\_\_\_

- 
1. O que te motivou a escolher esta profissão?
  2. Quais são suas atribuições profissionais? Em qual ambiente você trabalha?  
Como é esse ambiente de trabalho? E como é sua rotina de trabalho?
  3. Como você se sente neste local de trabalho? Como é sua relação com colegas de trabalho, gestores, hierarquia e normas operacionais?
  4. O que você mais gosta no seu trabalho? O que te faz permanecer nesta profissão?
  5. O que você menos gosta no seu trabalho? Tem algum fator dentro da Brigada Militar que te motiva a querer se afastar ou mudar de trabalho?
  6. Em seu trabalho há possibilidade de crescimento profissional?
  7. Como é trabalhar com o risco de vida eminente?
  8. Há espaço em seu contexto laboral para você compartilhar suas dificuldades diante do enfrentamento de situações violentas? Há espaço para expor suas ideias?
  9. Como você percebe o reconhecimento e a imagem do Policial Militar na comunidade?
  10. Como se sente nesse momento em relação a sua saúde? Se a resposta for indicativa de problema de saúde, continuar com as seguintes perguntas. Desde quando

você percebe esses sintomas? Em que momentos? Há alguma relação com o trabalho?

11. Acha que utiliza alguma estratégia para o enfrentamento das dificuldades no contexto do trabalho? Quais são elas?

12. Como você está se sentindo agora, após falarmos sobre estas questões relacionadas ao seu trabalho?

13. Há mais alguma informação que gostaria de compartilhar sobre o seu trabalho?

## APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

### ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A PRODUÇÃO DE SAÚDE/ADOCIMENTO DOS POLICIAIS DA BRIGADA MILITAR DE UM MUNICÍPIO DA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO – RS

- I - A presente pesquisa tem como objetivo analisar as relações existentes entre a organização do trabalho dos policiais da Brigada Militar, e a produção de saúde/adoecimento. É importante ressaltar que esta pesquisa está sendo realizada como parte do trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Psicóloga.
- II - Os procedimentos para realização desta pesquisa serão as entrevistas individuais com os trabalhadores da Brigada Militar. Todas as entrevistas serão gravadas com o objetivo em garantir uma escuta e leitura fidedigna dos conteúdos. Após a realização destas entrevistas, as gravações serão guardadas, juntamente com as transcrições, por cinco anos. Para assegurar o sigilo e ética da pesquisa, serão utilizados dados gerais com o cuidado em não identificar os participantes. Em caso de desistência do participante da pesquisa, o desligamento poderá ser solicitado em qualquer etapa da pesquisa.
- III - Não existem riscos aos participantes desta pesquisa, ressaltando que em caso de desistência do participante da pesquisa, o desligamento poderá ser solicitado em qualquer etapa do processo.
- IV - O benefício em participar desta pesquisa relaciona-se ao fato de que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico.
- V - Não existirá nenhuma vantagem para o participante desta pesquisa.
- VI - Não existirá nenhum gasto financeiro para o participante, nem mesmo receberá uma compensação financeira. Visto que, a fonte viabilizadora do estudo é o próprio pesquisador.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

A presente pesquisa será desenvolvida pela acadêmica do curso de Psicologia Cíntia Maria Rech Eisenberger, sob orientação da professora Karine Vanessa Perez. Telefones para contato: (51)991341584; (51)994394334 e e-mail: Cimrech@gmail.com; karineperez@unisc.br. Comitê de Ética em Pesquisa- CEP UNISC: (51) 37177680 – e-mail: cep@unisc.br

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa e outra com a pesquisadora.  
Pelo presente documento, autorizo esse procedimento.

Santa Cruz do Sul, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.